Diário dos 100 dias

Um curto diário desse período, anotando em poucos parágrafos os eventos que foram relevantes.



1 de janeiro a 10 de abril

seudinheiro®



Existem razões práticas e históricas para um acompanhamento minucioso dos 100 primeiros dias de um governo. A histórica nasce nos EUA, em 1933, com Franklin Delano Roosevelt, que desenhou uma série de medidas que formaram o "New Deal" para

resgatar o país depois da crise de 1930. A prática nos conta que novos governos começam com a força dada pelas urnas e disposição de mudar o status quo. Aqui no **Seu Dinheiro** fiz um acompanhando desses dias, colocando foco na área econômica. Deixo as conclusões para o leitor na falta de resultados práticos, já que a principal medida, a reforma da Previdência, segue em debate. Mas temos, certamente, uma nova linha mestra que foge do nacional-estatismo da última década e meia, para um modelo de cores liberais, com menos Estado e maior abertura do país ao restante do mundo. Historicamente, toda a vez que o país conseguiu deixar de olhar para dentro e conter o ímpeto das corporações públicas e privadas em manter seus privilégios, tivemos períodos de notável desenvolvimento econômico e social. Que assim seja!

Eduardo Campos Repórter Especial seudinheiro.com

Índice

Dia 1, 2 e 3 - Pg. 6

Dia 4. 5. 6 e 7 - Pg. 7

Dia 8 e 9 - Pg. 8

Dia 10 e 11 - Pg. 9

Dia 12. 13. 14 - Pg. 10

Dia 15 e 16 - Pg. 11

Dia 17 - Pg. 12

Dia 18, 19, 20 e 21 - Pg. 13

Dia 22 - Pg. 14

Dia 23 e 24 - Pg. 15

Dia 25 e 26 - Pg. 16

Dia 27 e 28 - Pg. 17

Dia 29 e 30 - Pg. 18

Dia 31 - Pg. 19

Dia 32, 33, 34 e 35 - Pg. 20

Dia 36 - Pg. 21

Dia 37 e 38 - Pg. 22

Dia 39 e 40 - Pg. 23

Dia 41 e 42 - Pg. 24

Dia 43 - Pg. 26

Dia 44 - Pg. 27

Dia 45 - Pg. 28

Dia 46. 47 e 48 - Pg. 29

Dia 49 - Pg. 30

Dia 50 - Pg. 31

Dia 51 e 52 - Pg. 32

Dia 53 - Pg. 33

Dia 54. 55 e 56 - Pg. 34

Dia 57 - Pg. 35

Dia 58 e 59 - Pg. 36

Dia 60 e 61 - Pg. 37

Dia 62, 63 e 64 - Pg. 38

Dia 65 - Pg. 39

Dia 66 e 67 - Pg. 40

Dia 70 - Pg. 41

Dia 71 e 72 - Pg. 42

Dia 73 - Pg. 43

Dia 74 e 75 - Pg. 44

Dia 76.77 e 78 - Pg. 45

Dia 79 e 80 - Pg. 46

Dia 81 - Pg. 47

Dia 84 - Pg. 48

Dia 85 e 86 - Pg. 49

Dia 87 - Pg. 50

Dia 88, 89, 90 e 91 - Pg. 51

Dia 92 - Pg. 52

Dia 93 e 94 - Pg. 53

Dia 95. 96. 97 e 98 - Pg. 54

Dia 99 - Pg. 55

Dia 100 - Pg. 56

Os 100 dias de Bolsonaro Pg. 57



Discurso destacou linhas da agenda econômica: confiança, interesse nacional, livre mercado e compromisso com as reformas.



O foco desse dia, obviamente, foi o discurso, que tenho sempre como algo supervalorizado.

Ponto positivo é que Bolsonaro fez uma fala curta no Congresso, falou que estava se casando com os parlamentares enquanto assinava atos e destacou as linhas da agenda econômica: confiança, interesse nacional, livre mercado e compromisso com as reformas.



(Dia 02) 2 jan O choque liberal

Discurso de Paulo Guedes contra criaturas do pântano político empolgou a plateia

A quarta-feira, dia 2, marcou as cerimônias de transmissão de cargo de quase todos os novos ministros. Destaque para a decisão do PSL de apoiar Rodrigo Maia para presidência da Câmara, visto como defensor das reformas. E, para fala do ministro da Economia, Paulo Guedes, que empolgou a plateia com frases fortes sobre acabar com privilégios e lutar contra "piratas privados, burocratas corruptos e criaturas do pântano político".

O ministro também mostrou seu plano B, caso reforma da Previdência não seja votada. A ideia é desvincular todo o Orçamento. Um sonho do qual também compartilho, mas que soou mais como ameaça à classe política, que tem privilégios demais e atribuições de menos. Bolsa sobe mais de 3,5% e bate recorde.



A primeira entrevista

Bolsonaro causou polêmica ao soltar informações desencontradas sobre a reforma da Previdência

Reunião do conselho de ministros e nada de muito importante. À noite, presidente dá primeira entrevista com pistas desencontradas sobre Previdência (idade de 62 para homens e 57 para mulheres, para por aí? O outro presidente eleva mais?). Também falou de acabar com a Justiça do Trabalho.

Na Petrobras, o novo presidente assume e diz que o Rio pode ser uma nova Houston, cidade do Estado americano do Texas, conhecida como polo da indústria petrolífera. Se não tiver loteamento de diretoria já é vitória demais. Mundo tem dia horrível, mas bolsa segue firme bate novo recorde e dólar cai a R\$ 3,75, perdendo a média móvel de 200 dias mais quedas pela frente



Sexta dos balões ou do bate cabeça?

Novo governo testa popularidade de algumas ideias, dessa vez com enfoque no IR e no IOF

Dia teve o que poderiam ser considerados balões de ensaio, saem notícias de aumento de IOF e mudança de Imposto de Renda. No meio, se sancionam benefícios tributários para o Amazonas. Também seguem os ruídos sobre o que o governo quer com a Previdência. Balão de ensaio é coisa normal aqui. Solta alguma ideia ou medida e mede a repercussão.

Mas o balão virou fato na boca do próprio presidente, que falou em aumento IOF contra sua vontade e que teremos revisão na tabela do IR. Depois tudo virou bate cabeça, pois vem o secretário da Receita, Marco Cintra, e diz que o presidente deve ter feito alguma confusão, pois não tem que aumentar IOF e não tem nada sobre IR para ser anunciado em breve. Como me disse atônito um amigo: "esses caras não se conversam? Secretário não pode desmentir o presidente." Bolsa garante novo recorde, sobe 4,5% na semana e dólar cai a R\$ 3,718, queda de 4% no período.



(Dia 07) 7 jan Novos presidentes nos bancos públicos

Discursos dos novos líderes bancários tiveram uma ordem clara de desestatizar o mercado de crédito

Ordem é desestatizar o mercado de crédito, plano ambicioso de Pedro Guimarães na Caixa - R\$ 100 bilhões em securitização de carteiras e aberturas de capital para elevar de 700 mil para 5 milhões de CPFs na bolsa.

Mais importante, cerimônias tentaram passar ideia de unidade no "núcleo duro". Bolsonaro, no Palácio do Planalto, teceu elogios a Guedes e seu conhecimento. Guedes, na posse do BB, falou disse que "somos uma equipe muito sintonizada" ao mencionar, por cima, as notícias de que haveria desentendimentos entre ele, o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, e o general Mourão, depois dos eventos da sexta-feira.



Bombons e Previdência

Ministros falaram em fazer uma reforma da Previdência "profunda" que tire o tema de cena pelos próximos 20 anos

Ponto alto do dia foi a reunião de Onyx com Guedes no Ministério da Economia, com direito a bombons levados por Onyx para "adoçar a vida". Não saiu nada de concreto, mas sinalização, novamente, foi vista como positiva já que ministros falaram em fazer



uma reforma da Previdência "profunda" que tire o tema de cena pelos próximos 20 anos a 30 anos. Guedes defendeu o sistema de capitalização, mas não sabemos ainda de onde virão os recursos para financiar a transição (FGTS seria uma possibilidade?).

Antes desse encontro, secretário especial de Produtividade, encheu auditório no Itamaraty para apresentar seus secretários e sua missão. Foi aplaudido ao falar dos assuntos proibidos nessa nova relação governo/empresariado: subsídios, proteção e gasto público. Vamos ver se o empresariado vai continuar aplaudindo quando os cortes de regimes especiais e outras benesses começarem a acontecer.



Paulo Guedes e Onyx foram ao Planalto, mas quem falou foi Rogério Marinho sobre MP contra fraudes

Conforme o prometido, Paulo Guedes e Onyx foram ter com Bolsonaro. A pauta era apresentar o desenho da reforma da Previdência e discutir a MP de combate a Fraudes. Coube a Rogério Marinho, falar que o texto ainda estava sendo finalizado e que as medidas devem gerar bilhões em economia. No dia anterior, Guedes tinha falado de economia entre R\$ 17 bilhões a R\$ 20 bilhões por ano.

Promoção de filho do general Mourão, no BB segue fazendo barulho no noticiário político. Bolsonaro volta ao "Twitter" para comemorar mais um recorde da bolsa de valores.



Menos imposto, mas Previdência primeiro

Marcos Cintra afirma que o governo estuda a redução de Imposto de Renda, mas prioridade é reforma

Digno de nota apenas a fala do secretário especial da Receita, Marcos Cintra, de que o governo estuda sim a redução de Imposto de Renda, mas prioridade é Previdência. Ainda na área tributária ele voltou a falar sobre desonerar a folha de pagamentos de forma sistemática. General Mourão também fala que aceita negociar a participação dos militares na reforma previdenciária.

Também há barulho sobre as decisões do STF envolvendo as eleições na Câmara e Senado. O voto é secreto por determinação dos regimentos das Casas. Goste ou não, as Casas que têm de decidir, não o Judiciário. Arrumei briga no almoço ao falar que voto secretário tem sim utilidade ainda mais nesse tipo de eleição interna. Protege o parlamentar de sofrer pressão do Executivo ou mesmo dos pares. Bolsa bate mais um recorde, terceiro consecutivo e sexto do ano.



(Dia 11) 11 jan Uma folga de Brasília

Presidente seguiu "brigando", no "Twitter", com as notícias de que indicou "amigo pessoal" para gerência da Petrobras

Tirei uma folga de Brasília e participei de evento no Banco Central, no Rio, com os ex-presidentes da instituição. Excelente e descontraída aula de história, mas a triste constatação foi ver, mais uma vez, que estamos sem resolver o problema fiscal desde o fim dos anos 1960.

No noticiário de política não vi nada de destaque. Militares seguem dizendo que não querem participar da reforma da Previdência. Presidente seguiu "brigando", no "Twitter",



com as notícias de que indicou "amigo pessoal" para gerência da Petrobras. IPCA fecha o ano em 3,75% e Selic deve ficar em 6,5% por longo período ou até cair.

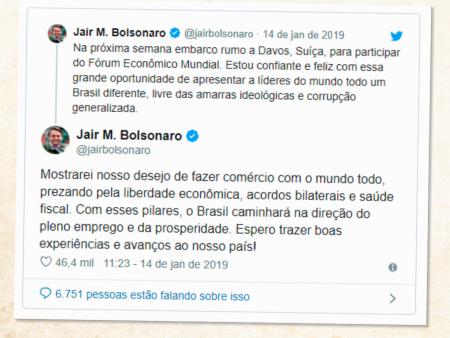


Presidente quer apresentar aos líderes do mundo um Brasil diferente, livre das amarras ideológicas e corrupção generalizada

O que chamou atenção no dia foram os tuites do presidente Jair Bolsonaro sobre sua ida ao Fórum Econômico Mundial que reúne a nata do mercado financeiro em Davos (Suíça). O presidente reafirmou "liberdade econômica, acordos bilaterais e saúde fiscal". O encontro

será importante para fazer uma melhora de imagem do país no mercado externo depois de uma campanha onde adjetivos poucos lisonjeiros foram usados para classificar Bolsonaro e parte de sua equipe.

No lado da reforma da Previdência, nada de informações oficiais, mas tivemos notícias citando membros da equipe falando em uma reforma mais dura que a proposta de Michel Temer e com capacidade de



"economia" na casa do trilhão de reais. Na política, Rodrigo Maia (DEM-RJ) conquistou o apoio de mais um partido para sua reeleição à presidência da Câmara, o PDT, que é de oposição ao governo. Mas o próprio Maia explicou que o cargo em disputa não é "de governo nem de oposição" e que "quanto mais representativo o comando da Casa, mais independente e altivo o Legislativo".



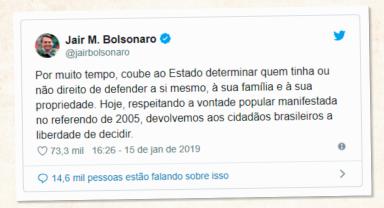
(Dia 15) 15 jan Previdência após Davos

O que temos até agora são só os famosos balões de ensaio

No lado econômico, sem novidades sobre a reforma da Previdência. O que temos até agora são os famosos balões de ensaio, que governo solta para medir a reação do mercado e dos políticos. O Ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, disse que o presidente só bate o martelo sobre o tema quando voltar de Davos (Suíça), no fim da próxima semana. Também se cogita que Bolsonaro seja o garoto-propaganda da reforma, explicando o tema para a população. Problema: ele tem aposentadoria especial como militar e já pode requerer outro regime especial e camarada, o dos deputados.

O que se pode perceber é que se pretende um texto mais duro que o proposto por Michel

Temer, com transição mais rápida para idades mínimas. Pode ser um aceno interessante, mas o conteúdo deve ser diluído no Congresso e o governo sabe disso. O ponto positivo é que o governo parece decidido a votar alguma coisa. Bolsonaro também cumpriu promessa de campanha e flexibilizou a posse de armas.





(Dia 16) 16 jan Argentina e Suíça

Presidente recebeu Macri e terá palco principal em Davos

Reforma da Previdência segue aguardando Jair Bolsonaro que recebeu o colega Argentino, Mauricio Macri. De prático, esses encontros não geram nada, mas fazem parte do gestual burocrático internacional de mostrar boa vontade e alinhamento de objetivos. Depois os técnicos tentam chegar a algum acordo sobre tarifas e outros assuntos, mas isso acontece longe dos palácios e garbosas recepções.

Também fomos informados que Bolsonaro falará na sessão inaugural do esperado Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça. O evento é a chance de Bolsonaro se apresentar "aos donos do dinheiro" e também à imprensa internacional. Paulo Guedes faz parte da comitiva e, certamente, deve ajudar da formulação de um discurso, previsto para durar até 40 minutos (é tempo, hein), que deve abordar reformas, combate à corrupção e abertura comercial. Expectativa aqui e lá é grande, já que a imagem pintada no mercado internacional no período de campanha não foi nada amigável. Outro assunto que chamou atenção, foi a meta e prioridade do Ministério do Turismo de dar incentivo fiscal para as empresas do setor. Temos aqui um "museu de grandes novidades"?



(Dia 17) 17 jan Buonasera, Queiroz

Presidente dá entrevista à emissora italiana e STF entra no caso Queiroz

Sem grandes novidades no front econômico. Jair Bolsonaro deu entrevista para uma emissora de TV Italiana falando da extradição de Cesare Battisti. O presidente também disse que se encontrará com o primeiro-ministro italiano, Giuseppe Conte, no Fórum Econômico Mundial, em Davos (Suíça) e que pretende visitar a Itália em 8 de maio, quando se comemora o Dia da Vitória (fim da Segunda Guerra Mundial na Europa Ocidental). Ainda sobre Davos, fomos informados que Paulo Guedes vai tratar de reforma da Previdência, privatizações e reforma administrativa nos seus encontros por lá. A ideia principal e mostrar que o Estado deixará de ter papel central na economia brasileira.

No entanto, o evento mais comentado do dia foi a entrada do Supremo Tribunal Federal (STF) no caso do ex-motorista de Flávio Bolsonaro, Fabrício Queiroz. As investigações estão suspensas, enquanto o STF não decidir de quem é a competência para avaliar o caso, já que o filho do presidente, eleito senador, têm foro privilegiado. Só consigo lembrar da frase de um amigo ainda no período eleitoral: "quem se elegeu quebrando vidraças em termos de corrupção e honestidade, não pode ter um arranhão no seu telhado de vidro".



A caixa transparente do BNDES

Dados sobre tomadores, valores, prazos e taxas já estavam abertos desde 2015

O fato político e econômico do dia foi um daqueles grandes casos de "a montanha pariu um rato". O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) teria aberto sua <u>"caixa-preta"</u>, como disse o presidente Jair Bolsonaro na campanha. De fato, o que o BNDES fez foi reorganizar informações já existentes sobre seus principais clientes ou tomadores de empréstimos, facilitando o acesso e permitindo diferentes compilações de dados. Algo relevante, mas "os descalabros" e o "dinheiro fácil para os governos amigos" já estavam lá, para todo mundo ver, desde junho de 2015. Fornecendo farto material para reportagens e campanhas políticas. O presidente disse que "ainda vamos bem mais a fundo", mas pode ser que esbarre em limitações impostas pela lei do sigilo bancário.

A ala política do governo e o pessoal das redes sociais "fazer barulho" com isso até vai, faz parte do jogo. Mas o que me chamou atenção, mesmo, foi a Petrobras entrar nessa história, com uma nota do seu presidente, Roberto Castello Branco, determinando que a empresa não opere mais com bancos públicos. O motivo alegado é nobre. A empresa tem condições de buscar financiamento de outras fontes. Mas o ponto é que a companhia deve ser gerida visando o melhor resultado possível para seus acionistas. Com fica se o BNDES ou o Banco do Brasil conseguirem, sem recursos públicos, por exemplo, linhas de financiamento em condições melhores? A Petrobras vai recusar? A impressão que fica é de que a estatal misturou negócios com política nessa manifestação, justamente a combinação que quase destruiu a empresas faz poucos anos. No fim do dia, foi assinada a medida provisória de combate a fraudes na Previdência. Economia prevista de R\$ 9,8 bilhões no primeiro ano. Aguardemos os tribunais.



Bolsonaro em Davos: Estamos aqui para mostrar que o Brasil mudou

O presidente Jair Bolsonaro já está em Davos, Suíça, para o Fórum Econômico Mundial. Sua esperada fala de terça-feira será curta e objetiva, mostrando que o governo está tomando medidas para reestabelecer a confiança no país. A curiosidade é grande, assim como a expectativa, já que pela mídia internacional seguem circulando comparações pouco lisonjeiras de Bolsonaro com ditadores e afins. Por aqui, o vice e presidente em exercício, general Mourão, voltou a defender que os militares têm sim de dar sua contribuição na reforma da Previdência, mostrando coerência na avaliação, mas discordando do ministro Onyx Lorenzoni, que falou o contrário no fim de semana. Governo precisa alinhar a comunicação sobre esse e outros temas, colocando "cada um no seu quadrado".

No lado político, o fim de semana foi de noticiário pesado sobre Flávio Bolsonaro e suas movimentações financeiras. O senador eleito foi ao STF pedir a suspensão das investigações e, na sequência, saíram mais dados sobre depósitos e pagamentos. Nesta segunda-feira, apareceu o comprador de um imóvel, confirmando pagamento em dinheiro ao senador, o que alivia um pouco a história. Mas essa celeuma ainda está longe do fim e pode custar capital político ao governo principalmente no Senado, onde a base governista é menor e mais dispersa. As "faturas" desse caso ainda vão chegar.



(Dia 22) 22 jan É o que tem para hoje

Discurso de Bolsonaro em Davos não empolga, mas não poderia ser muito diferente mesmo

O esperado discurso no Fórum Econômico Mundial, em Davos, foi apenas uma reafirmação de princípios liberais na economia e conservadores nos costumes. A decepção foi meio generalizada, mas acho que a barra de expectativas estava um tanto elevada. Detalhes sobre Previdência e outras reformas não seriam mesmo apresentar por lá. Primeiro, seria deselegante com o Congresso. Segundo, creio que nem Bolsonaro e sua equipe tenham, nos mínimos detalhes, o que se pretende. Bolsonaro poderia ser mais enfático,



poderia falar mais de 6 ou 7 minutos, poderia muita coisa, mas não existe "se" na história. É o famoso "é o que tem para hoje".

Na política local, segue o escrutínio sobre Flávio Bolsonaro, seu ex-assessor Fabrício Queiroz, suas movimentações financeiras e relações pessoais. A história parece longe do fim e certamente vai deixar uma "fatura política". Falando nisso, incrível como quase ninguém acredita que Renan Calheiros

(MDB-AL) desistiu fácil assim de concorrer à presidência do Senado. Tem algo de estranho nessa movimentação.



Guedes reafirma planos econômicos em Davos, Bolsonaro "alerta" o filho Flávio e Venezuela tem "novo presidente"

Dia pródigo em declarações econômicas

repetidas, mas não menos importantes. Em Davos, no Fórum Econômico Mundial, Jair Bolsonaro e Paulo Guedes reafirmaram a importância da reforma da Previdência. Guedes disse que "todo mundo está ligado" na reforma, pois ela é importante para a sustentabilidade fiscal. Depois o ministro voltou a falar sobre taxar lucros e dividendos e zerar o déficit primário por meio de

privatizações. Faltam os detalhes, mas a fala



de Guedes serviu para "animar" o mercado. Digno de nota, mas não positiva, foi a decisão de anunciar as metas dos 100 primeiros dias de gestão, com Bolsonaro e Guedes fora do país. Duas coisas chamam atenção. A reforma da Previdência não está na lista (não me perguntem como) e, de relevante, temos apenas a intenção de dar autonomia formal para o Banco Central (BC).

Bolsonaro também foi firme ao falar do filho, Flávio Bolsonaro: "Se por ventura ele vier a errar, se for comprovado, eu lamento como pai, mas vai pagar aí o preço dessa ação que nós não podemos coadunar". A estratégia de afastar o problema do governo está em marcha faz alguns dias, resta saber se vai dar certo. À tarde, o foco virou a Venezuela. EUA, Brasil, Colômbia e outros países reconheceram Juan Guaidó como presidente. Rússia, China e Cuba estão com Maduro. Ele resiste até quando?



(Dia 24) 24 jan Os pobretões de Davos

Vídeo que mostra Bolsonaro mais leve e descontraído sugere que encontros bilaterais podem ter sido mais produtivos

O presidente Jair Bolsonaro encerrou hoje sua participação no Fórum Econômico Mundial em Davos (Suíça). Difícil fazer um balanço de bate pronto, mas olhando o comportamento da bolsa e dólar não se pode falar em desastre brasileiro por lá. Em todo caso, o que chamou atenção no dia foi o noticiário com o presidente falando: "viu os pobretões na minha mesa ontem à noite?" O presidente se referia ao jantar que teve com importantes empresários na noite do dia 22. Há um breve vídeo sobre esse evento (veja abaixo), no qual o presidente brinca ao falar para a plateia que reunia US\$ 23 trilhões em ativos, e diz que precisaria só 10% disso. O vídeo mostra um Bolsonaro mais leve e descontraído do que aquele que vimos no discurso oficial. Além da brincadeira com os "pobretões" ele também rasgou elogios

a Paulo Guedes. Isso sugere que os encontros bilaterais e os mais restritos possam ter sido mais produtivos que o evento principal.

No lado da reforma da Previdência, o que se cristalizou é que os militares serão mesmo deixados de lado na proposta de emenda constitucional que deve abarcar os demais mortais, mas que darão sua contribuição. Ponto positivo foi Guedes falando que a reforma pode economizar entre R\$ 700 bilhões a R\$ 1,3 trilhão, com "poderoso efeito fiscal" por 15, 20 ou 30 anos. Todo mundo, no entanto, segue aguardando os detalhes que ainda devem demorar um pouco a aparecer.





Rompimento de barragem da Vale em Minas Gerais exige mobilização do governo

Na esfera econômica, o evento digno de nota foi o rompimento de barragem da Vale em Brumadinho (MG). Nova "tragédia" que exige mobilização do governo Jair Bolsonaro, que prometeu visitar a região, no sábado, dia 26, depois de despachar um punhado de ministros para lá. Resposta rápida.

O termo "tragédia" vem entre aspas, pois o mar de lama volta a deixar vítimas e causar prejuízos menos de três anos depois do "desastre de Mariana", em novo evento de "culpa" difusa.

Onde o "dinheiro fala", a ações da Vale levaram uma surra no mercado americano (feriado em São Paulo, manteve B3 fechada). Alegria fortuita para o vendido e "calor" no lombo do comprado. Ajuste acontece na segunda-feira.

Outra nota que chamou atenção foi da "Crusoé". Segundo "membros do governo", caso Jair Bolsonaro seja atingido pelo caso envolvendo o rebento Flávio Bolsonaro, os riscos ao país seriam baixos.

Hamilton Mourão manteria os ministros e planos econômicos que importam. A lenda aqui em BSB é que o "porão" onde fica instalada da vice-presidência e o isolamento do Palácio do Jaburu têm clima propício às conspirações. Com 25 dias de governo, parece um pouco cedo para isso, pode ser só um desejo de que o presidente "rife" de vez o filho.



(Dia 28) 28 jan O porta-voz e a obra de arte

Expectativa é que na quarta-feira, Bolsonaro reassuma o cargo, despachando de um gabinete improvisado do hospital

O presidente Jair Bolsonaro foi submetido à cirurgia para retirada da bolsa de colostomia que carregava desde a tentativa de assassinato que sofreu em setembro do ano passado. O procedimento levou 7 horas, superando as expectativas iniciais e gerando alguma apreensão. Mas o porta-voz da Presidência, general Rêgo Barros, disse que a cirurgia foi exitosa e que o trabalho dos médicos foi espetacular, "uma obra de arte". Expectativa é que na quartafeira, Bolsonaro reassuma o cargo despachando de um gabinete improvisado do hospital. Ele deve ficar longe de Brasília por até 10 dias.

Barros também listou as ações do governo federal em apoio ao rompimento da barragem da Vale em Brumadinho. No momento não há decisão sobre mudança na legislação de licenciamento de barragens e o governo vai avaliar eventuais pedidos de ajuda financeira que vierem a ser feitos pelo Estados de Minas Gerais. A mineradora já foi autuada em R\$ 250 milhões pelo Ministério do Meio Ambiente. O porta-voz também disse que estão sendo aprofundados os estudos sobre a possibilidade de intervenção na mineradora, afastando os diretores da Vale enquanto ocorram as investigações sobre o caso. Algo que já tinha sido aventado pelo general Hamilton Mourão. A medida parece drástica e um tanto sem sentido. Como sintetizou um amigo, o que o diretor financeiro tem a ver com as barragens? E quem assumiria teria a mesma capacidade de lidar com essa crise? Não é melhor investigar e punir culpados tanto na pessoa física quanto na pessoa jurídica a fazer um aceno (populista?) desses?



(Dia 29) 29 jan Privatiza tudo! Menos o que importa?

Governo que vender tudo, menos as "joias da coroa". Afinal de contas, o Petróleo é nosso!

O presidente Jair Bolsonaro segue em recuperação em São Paulo e o evento digno de nota do dia foram as declarações do secretário especial de Desestatização, Salim Mattar, de que o governo vai privatizar 131 das 134 estatais. Ficam com o governo, o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e a Petrobras. O aceno é bem recebido, mas o próprio Paulo Guedes sabe que



se conseguir vender uns 30% disso já será uma vitória. Meu amigo gringo foi no fígado e comentou: "Bom, vende tudo, menos o que realmente importa". Fica a reflexão.

Outra questão interessante, foi a declaração do ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, de que não vai haver qualquer grau de intervenção do Brasil na Vale. Um afastamento da diretoria enquanto se investiga o rompimento da barragem de Brumadinho foi aventado, na segunda-feira, pelo general Hamilton Mourão e constou de pronunciamento oficial da Presidência da República. Melhor assim.



Me ajuda a te ajudar

Na esfera econômica, notícias seguem "animando". Caixa reafirma venda de ativos e Petrobras não quer ouvir falar em política de preços

O presidente Jair Bolsonaro reassume a presidência, mas segue em São Paulo, onde deve receber ministros, na quinta-feira, para tratar do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho. Resposta do governo ao caso foi rápida e parece bem recebida. No judiciário já existem "certezas", mesmo pouco dias após o corrido. Na esfera econômica, notícias seguem "animando". Caixa reafirma venda de ativos e Petrobras não quer ouvir falar em política de

preços (aguardemos a próxima disparada no preço do petróleo).

Expectativa voltada às eleições de sexta-feira para as presidências do Congresso. Rodrigo Maia deve permanecer no comando da Câmara dos Deputados. No Senado ainda há indefinição, mas Renan Calheiros segue na disputa e proferiu uma frase digna de registro: "Você conhecia o velho Renan. O novo chega sexta-feira e vai discordar do outro em muita coisa. O outro era mais estatizante. Este será um Renan liberal, que vai ajudar a fazer as reformas." Como me disse com amigo do Senado: "essa eleição é coisa para profissional". Enquanto isso, no âmbito das reformas, o secretário de Previdência, Rogério Marinho, que segundo Mansueto Almeida (Tesouro), é "extremamente habilidoso e tem uma voz muito mansa" se reuniu com governadores e pediu mobilização para a reforma da Previdência. Pode ser o famoso "me ajuda a te ajudar", ou algo como: "apoia a reforma que vejo aqui como dar um respiro às finanças estaduais".



(Dia 31) 31 jan Estamos no caminho certo

Sobre a reforma da Previdência, mais alguns acenos, como as novas regras serão para "todos os segmentos" da sociedade

O presidente Jair Bolsonaro segue em recuperação em São Paulo e, pelo "Twitter", disse: "estamos no caminho certo. Nossa missão será cumprida". Mas não tivemos mais detalhes. Sobre a reforma da Previdência, mais



alguns acenos, como as novas regras serão para "todos os segmentos" da sociedade, inclusive militares, e que vários cenários são considerados para a idade mínima, inclusive a proposta de 57 anos para mulheres e 62 anos para homens, algo já aventado pelo presidente.

Nesse primeiro mês que está para se completar, o presidente entregou uma promessa de campanha, flexibilizando a posse de armas, foi ao Fórum Econômico Mundial e deu aval à criação de uma nova empresa entre Embraer e Boeing. Os ministros e secretários reafirmaram a disposição com relação a privatizações, simplificações tributárias e burocráticas. Pautas que devem e têm de começar a andar com a posse do Congresso na sexta-feira. O porta-voz da Presidência, disse que o governo vai levar uma mensagem de ajuste fiscal, mas não detalhou. No período, também tivemos no noticiário elogios ao vice, Hamilton Mourão, visto como "moderado", seja lá o que isso quer dizer. Ibovespa sobe 11% e dólar cai 5,6%.



Uma casa e seus presidentes

Independentemente dos eleitos, o Executivo vai ter de fazer acenos e afagos respeitando a independência dos Poderes

O presidente **Jair Bolsonaro** segue em São Paulo e seu porta-voz apresentou um resumo do primeiro mês de governo (veja abaixo). Mas



Bolsonaro e demais assuntos estão em segundo plano neste 1º de fevereiro. O foco está na eleição das presidências do Congresso Nacional. É lá que o governo terá de articular muito de sua agenda econômica, especialmente as aguardadas reformas, que serão o lastro a confirmar esse otimismo do mercado, dos consumidores e empresários.

Escrevo sem saber do resultado, mas não acontecendo nenhuma "zebra", essa agenda de reformas parece ter tomado um corpo próprio, mérito do governo Michel Temer, goste ou não dele. Independentemente dos eleitos, o Executivo vai ter de fazer acenos e afagos, respeitando a independência dos Poderes. Na Câmara do Deputados, tudo indica que Rodrigo Maia (DEM-RJ) será reconduzido. Ele tem postura favorável à agenda econômica e é bem visto por partidos de oposição, situação e centro em função de assumir e manter compromissos. No Senado, o quadro segue tumultuado. Mas como nos disse o cientista político e sócio da Arko Advice, Lucas de Aragão, não importa quem seja o presidente do Senado, a agenda de reformas vai seguir adiante.



Mensagem de esperança e um vazamento

Um dos possíveis texto da reforma da Previdência "vaza", mostrando regras mais duras e um ministro do STF escreve artigo pedindo "limites às reformas"

O presidente Jair Bolsonaro segue em recuperação em São Paulo e fez chegar ao Congresso a mensagem do Executivo para abertura do ano legislativo. O presidente levou uma mensagem de esperança, bateu no PT, na corrupção e no aparelhamento do Estados e falou da "nova Previdência". O tema reformas também esteve nas falas de Rodrigo Maia (presidente

da Câmara) e Davi Alcolumbre (eleito presidente do Senado, após um tumultuado processo).

A reforma da Previdência esteve mesmo na pauta do dia depois que os colegas do "Broadcast/Estadão" tiveram acesso a uma minuta do texto, que prevê idade igual para aposentadoria de homens e mulheres, benefícios abaixo do salário mínimo e outras regras bem mais duras que a proposta enviada por Michel Temer. Pode ter sido um famoso "balão de ensaio", para testar a reação dos diferentes grupos ao texto. Oficialmente, o secretário Especial da Previdência, Rogério Marinho, não negou o conteúdo, disse apenas se tratar de um dos muitos textos que estão em estudo pelo governo. Comentário oficial sobre o conteúdo da reforma, só depois de apresentado o plano ao Congresso – gesto de reverência aos congressistas que vem sendo reafirmado desde o fim da eleição – e após o aval de Bolsonaro. Ainda sobre o tema reformas, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Ricardo Lewandowski escreveu artigo na "Folha de S.Paulo" falando em "limites às reformas" e respeito aos "direitos adquiridos". Se o governo/Congresso insistirem em esbarrar em cláusulas pétreas "incumbirá ao Supremo Tribunal Federal recompor a ordem constitucional vulnerada". Está formalizada uma trincheira aos "amigos do rei".



O presidente **Jair Bolsonaro** terá de passar mais uns dias em recuperação em São Paulo, o que gerou comentários sobre seu real estado de saúde. Mas segue no comando e, por meio do porta-voz, transmitiu a mensagem de que está satisfeito com o trabalho do Conselho de Ministros, que se reúne semanalmente aqui em Brasília. Os ministros debateram a reforma administrativa, as ações em Brumadinho e as análises sobre as propostas de reforma da Previdência. Em breve, Bolsonaro define a linha de ação a ser apresentada ao Congresso.

Enquanto isso, Executivo e Legislativo transmitiram uma importante mensagem de alinhamento como relação à reforma previdenciária. Rodrigo Maia e Paulo Guedes deram entrevista destacando um pleno entendimento com relação a importância do tema. Maia chamou para si a responsabilidade de tocar o assunto quando ele chegar à Câmara e disse acreditar que é possível articular uma base de apoio de até 350 deputados. Tão importante quanto esse aceno, foi a disposição de Maia e Guedes em travar a batalha da comunicação com relação ao tema, que é utilizado pelos detentores de "direitos adquiridos" e outros privilégios para espalhar "Fake News" à população. Segundo Maia, o "grande desafio é enfrentar as falsas informações".



(Dia 37) 6 feu Apoio condicionado

Tempo é o ativo mais precioso que existe e é algo que não "sobra" quando se trata de reformas e negociações com o Congresso

O presidente **Jair Bolsonaro** continua o processo de recuperação em São Paulo. No núcleo familiar, o senador Flávio Bolsonaro é alvo de uma investigação por suposto crime eleitoral envolvendo compra e venda de imóveis. Aqui em Brasília, notícias de "caneladas" no início do trabalho de articulação política pelo líder do governo na Câmara, major Vitor Hugo, que fez um convite de reunião por "Whatsapp", falando aos colegas em base "do apoio consistente e do apoio condicionado".

Consistente ou condicionado, o que importa, como disse ontem o presidente da Câmara Rodrigo Maia, é ter votos para levar a reforma da Previdência adiante. Nesse sentido, Vitor Hugo disse que o governo vai negociar com partidos políticos. Na campanha, o governo deu grande ênfase a negociações com bancadas temáticas. Não sei se é uma mudança ou ampliação de rumos. A conferir. O porta-voz da Presidência, general Rêgo Barros, foi questionado sobre a atuação do major Vitor Hugo e deitou elogios ao escolhido pelo presidente para fazer "o processo de convencimento do Congresso" e disse que Bolsonaro não esboçou "qualquer iniciativa de cambiar" o major, que é parlamentar de primeiro mandato. Segundo o porta-voz, "o tempo dirá sobre o acerto do presidente na escolha". Tempo é o ativo mais precioso que existe e é algo que não "sobra" quando se trata de reformas e negociações com o Congresso.



Pneumonia e Previdência

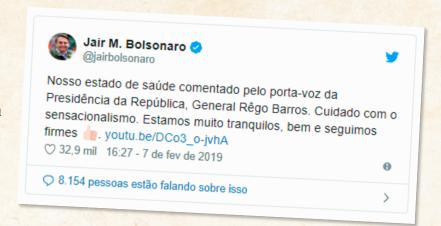
Paulo Guedes explica que teremos uma reforma do sistema atual e a proposição de uma "nova Previdência" para os jovens

O presidente Jair Bolsonaro foi diagnosticado com pneumonia e não sabemos, ainda, quando estará apto a deixar o hospital em São Paulo.

Apesar do revés, o porta-voz da Presidência, general Rêgo Barros, disse que o mandatário está "super disposto" e não se abalou com a notícia.

Ainda de acordo com o porta-voz, Bolsonaro ligaria para o ministro da Economia, Paulo Guedes, e que a reforma da Previdência deveria estar entre os temas da conversa.

Aqui em Brasília, o próprio Guedes voltou a falar sobre o assunto, despejando habituais críticas à injustiça e perversidade dos regimes previdenciário e trabalhista atuais. Reafirmou que teremos um regime de capitalização e avançou em explicações, dizendo que teremos uma reforma do sistema atual e a proposição de uma "nova Previdência", para os jovens, que tam-



bém traria mudanças em uma CLT "fascista" e 80 anos atrasada.

O ponto que chamou atenção na fala é que o governo quer que esse novo regime seja "desconstitucionalizado" ou seja, que esse pretendido novo regime não seja regra constitucional, mas alvo de outro modelo de legislação. A ideia é muito boa, pois dá flexibilidade para fazer eventuais correções de curso, sem precisar de grande mobilização do Congresso.

Mas isso deve elevar o custo político de negociar a medida, além de ampliar o "custo legal", tendo em vista que ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) já disseram que não querem ver modificações em cláusulas pétreas e direitos adquiridos.

O ponto positivo, é que dia sim e outro também, Rodrigo Maia afirma sua disposição em comprar a briga do governo pela reforma e tanto ele quanto Guedes seguem firmes em atacar as "corporações" que usam os mais pobres como um escudo para manter seus privilégios.



(Dia 39) 8 fev Estatais, filhos drogados e Saci Pererê

Presidente teve seu melhor dia desde a internação para cirurgia em São Paulo e Paulos Guedes estava inspirado no Rio de Janeiro

Um dia depois de diagnosticada uma pneumonia, o presidente Jair Bolsonaro acordou superanimado e disposto, segundo o porta-voz da Presidência, general Rêgo Barros, que também disse que emocionalmente e visualmente esse foi o melhor dia que o presidente passou. Mas enquanto Bolsonaro continua longe de Brasília, o "senhor fontes" segue em ação, fomentando rumores e notícias desencontradas sobre o estado de saúde e relações do presidente com o vice, general Mourão. O ambiente palaciano sempre foi propício ao tal "fogo

amigo" e intencional também.

Na economia, desta vez no Rio de Janeiro, o ministro Paulo Guedes estava particularmente inspirado, soltando frases do tipo: "o Brasil era um Saci Pererê, só pulava com a perna esquerda, mas ela estava cansada. Agora vamos pular um pouco com a perna direita" e estatais são como "filhos que fugiram e hoje são drogados", para criticar o regime previdenciário e a gestão das empresas do governo.



Ainda sobre o assunto, o secretário Especial da Previdência, Rogério Marinho, deu uma data, entre 19 e 21 de fevereiro, para apresentar a proposta de reforma. Outra notícia intrigante, ou "balão de ensaio", mas que com boa vontade parece ter algum senso político deu conta de que o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, poderia convidar o deputado Mauro Benevides (PDT-CE) para presidir a comissão que analisará a reforma. O tal senso político decorreria do fato de Maia tentar apoio do PDT, já que Benevides foi o "economista" de Ciro Gomes na campanha. Parece difícil, já que os Gomes (Ciro e Cid) tentam consolidar uma oposição "não lulista", desde o famoso episódio, recentemente reprisado, de "o Lula tá preso, babaca". A conferir, pois cálculo políticos não são lineares.

Rodrigo Maia reafirmou o rito da reforma (CCJ e comissão especial) e estimou que o texto possa ser votado em maio/junho. Na semana tivemos muito barulho com relação ao prazo de votação e afins,

mas isso é só espuma. O tempo de Brasília é diferente do tempo do mercado. O que importa é a aprovação, que parece crível. Maia também voltou a afirmar que o problema não é o mérito da reforma, mas sim "algumas corporações", lutando mais um dia do que chamo de "batalha da comunicação".



24

(Dia 42) 11 fev Igreja, crédito direcionado e o Piauí

Presidente pode deixar hospital nesta semana e dar andamento à reforma da Previdência. Agronegócio reclama de ações para cortar crédito subsidiado e tarifas de importação

O presidente Jair Bolsonaro segue internado em São Paulo, mas seu quadro melhora e ele já deixou a a unidade de terapia semi-intensiva. É possível que ele deixe o hospital ainda nesta semana. O retorno de Bolsonaro a Brasília seria o gatilho para o governo "voltar a andar", já que a reforma da Previdência, e outras medidas aguardam o aval dele para seguir adiante. O porta-voz da Presidência, general Rêgo Barros, disse que estaria descarta, inicialmente, a apresentação da reforma no hospital. Ao longo do fim de semana, notícias dando conta de que o governo estaria preocupado com a postura de parte da igreja católica, conhecida como "clero progressista", que usaria de evento no Vaticano para criticar Bolsonaro.

No lado econômico, atritos não surpreendentes surgem com a orientação do governo de reduzir crédito direcionado e revisar tarifas impostas a produtos importados. A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, reagiu ao aceno de Paulo Guedes de reduzir crédito a juros subsidiados ao setor. "Desmame de subsídios não pode ser radical". Ainda no setor, a retirada de tarifa antidumping de leite em pó gerou enorme insatisfação, e já havia notícia de que Bolsonaro cedeu às reclamações e a tarifa protetiva voltará a ser aplicada. Temos aqui só uma amostra do tamanho do desafio que é "desestatizar o mercado de crédito" e promover a abertura comercial do país. Sempre que me deparo com essas notícias me lembro de uma frase que não sei o autor: "Se Thomas Edison fosse brasileiro, ele seria derrotado pelo lobby dos fabricantes de vela".

Sobre a reforma da Previdência, notícia do "Valor" nos informa que Bolsonaro voltou a defender critério regional para definir idade mínima. A notícia mostra uma insistente e pouco produtiva confusão entre expectativa de vida ao nascer e expectativa de sobrevida depois dos 60 anos, por exemplo. Indo direto ao ponto, pouco importa em termos de previdência que a expectativa de vida do Piauí (sempre citado) é de 69 anos, o que importa é que quem chega aos 60 anos ou mais tem expectativa de sobrevida praticamente igual a do restante do país, na casa de 20 anos. Além disso, o pessoal de menor renda já se aposenta por idade, pois não consegue completar os anos exigidos de contribuição. Colocando de outra forma, se aposenta mais cedo quem tem maior renda. A instituição de uma idade mínima deixaria essa equação mais justa.

A "boa notícia" veio de pesquisa do BTG Pactual e FSB, mostrando que a reforma tem apoio de 82% da Câmara e 89% do Senado. A boa notícia vem entre aspas, pois quando se apresentam alguns detalhes não há consenso ou vontade de "mudar o que está aí". Não há entendimento sobre idade mínima, capitalização e modelo de transição. A batalha vai ser dura e, por ora, o que se intui é que teremos reforma, mas não temos ideia de qual reforma. São os "detalhes" que garantem (ou não) a sustentabilidade fiscal pretendida.



(Dia 43) 12 fer Quem chora, mama

Produtores de leite seguem protegidos e Bolsonaro teria definido idade mínima de aposentadoria de 57 anos para mulheres e 62 para os homens

O presidente Jair Bolsonaro continua com um quadro de melhora gradativa, mas o boletim oficial não fala em alta hospitalar, embora a expectativa seja de saída do hospital ainda nesta semana, até mesmo amanhã, quarta-feira. De São Paulo mesmo, o presidente confirmou que o governo vai manter "o nível de competitividade" dos produtores de leite e que "todos ganharam, em especial, os consumidores do Brasil".

Os produtores choraram após a queda de tarifa antidumping e "mamaram" tarifas mais altas para produtos importados. Não sei se o consumidor ganha, quem perde é a equipe econômica comandada por **Paulo Guedes**, que vinha em um firme discurso de redução



de tarifas e abertura comercial. Será que leite em pó é ativo que se encaixa na categoria "setor estratégico" que todos os governos invocam para explicar medidas protetivas? Ou será esse um dos custos de negociar votos com bancadas e não com partidos? Detalhe, tinha 20 anos que as tarifas estavam em vigor.

Em Brasília, o secretário especial da Previdência, Rogério Marinho, disse que o texto-base da **reforma** está pronto e é "bem diferente" da minuta que vazou na semana passada e sugeria idade mínima de 65 anos para homens e mulheres. Segundo Marinho, o texto será apresentado a Bolsonaro assim que ele tiver alta e será divulgado a todos "o mais rápido possível". Mesmo com o texto ainda em aberto, já vimos algumas notícias de que Bolsonaro vai mesmo manter idades de 57 anos para mulheres e 62 para homens, modelo que ele tinha sugerido em **entrevista logo após assumir o posto**. Essas idades passariam a valer em 2022, mas não está definida uma transição. Se for isso, resta saber o que quer mesmo o governo, pois o Congresso certamente vai mudar esses números...

O ponto que tem me intrigado é que sempre que Bolsonaro ou o "senhor fontes" falam no assunto, os termos "disparidades regionais" e "Piauí" andam juntos, dando o tom "populista" da mensagem. Como **falamos ontem**, pouco importa a expectativa de vida ao nascer, o que vale é a expectativa de sobrevida. Logo saberemos se o presidente vai manter a racionalidade liberal ou vai ceder às origens e aos "ismos" tão caros ao brasileiro, entre eles o populismo, o protecionismo e o desenvolvimentismo.



(Dia 44) 13 feu Voltando para casa

Rotina de trabalho de Bolsonaro deve ser retomada aos poucos, mas urge uma definição sobre o desenho da reforma da Previdência

Depois de 18 dias internado em São Paulo, o presidente Jair Bolsonaro está de volta a Brasília. A rotina de trabalho deve ser retomada aos poucos, mas urge uma definição sobre o desenho da reforma da Previdência, depois de vazamentos e "batidas de martelo" sobre idade mínima para homens e mulheres. O presidente também tem de reconquistar o espaço perdido na sua ausência, que foi ocupado por declarações diárias do vice, Hamilton Mourão, que

falou sobre todos os assuntos possíveis e imagináveis. Não existe vácuo em política.



O ministro Paulo Guedes fez uma breve e curiosa participação em evento na manhã deste dia. Voltou a atacar as transferências de renda perversas e disse que aqueles que pedem subsídios e outras benesses "quebraram o Brasil". Será que os produtores de leite se encaixam aqui?

Guedes, que é crítico ácido e contumaz de "privilégios", fez um afago à plateia composta de servidores públicos dizendo que "nós somos servidores públicos muito mais do que autoridades". Depois soltou uma frase enigmática: "tem gente que está acima e empurra a gente para um lado e para o outro e não são as melhores direções".

No lado prático da coisa, está agendada para o dia 26 a sabatina com Roberto Campos Neto, indicado à presidência do Banco Central (BC). O momento será importante para sabermos o que pensa Campos Neto como banqueiro central, pois ele fez praticamente um voto de silêncio desde sua indicação ao posto em 15 de novembro. A Comissão de Assuntos Econômicos do Senado (CAE) está com um "bom nome", segundo amigo da equipe econômica. Omar Aziz (PSD-AM) comanda a CAE e disse que atendeu a um pedido do próprio Campos para agendar a sabatina e em conversa com jornalistas criticou a decisão do governo de compensar o fim da tarifa antidumping do leito em pó. "O ministro da Fazenda não pode fazer uma coisa de manhã e de tarde ser desfeita", disse Aziz, complementando que "Bolsonaro comemorou uma vitória em cima do governo dele. Isso não dá tranquilidade a

nenhum investidor".

Resumindo, Aziz chegou batendo no governo e defendendo Guedes. Vamos ver qual será a postura quando o alvo do corte de subsídios e outras benesses for a Zona Franca de Manaus, que conta com uma isenção fiscal anual na casa dos R\$ 25 bilhões. Guedes já falou em fazer um corte linear em todos as renúncias fiscais, que beiram os R\$ 300 bilhões por ano.



Idade mínima será de 62 anos para as mulheres e 65 anos para os homens, com prazo de transição de 12 anos

Conforme o prometido em entrevista na noite de ontem, presidente Jair Bolsonaro "bateu o martelo" sobre o texto final da reforma da Previdência. Todos os detalhes serão oficialmente conhecidos dia 20, mas o secretário especial da Previdência, Rogério Marinho, escalado para encarar o enxame de repórter que aguardavam algum pronunciamento na portaria do Palácio da Alvorada, adiantou que a idade mínima será



de 62 anos para as mulheres e 65 anos para os homens, com prazo de transição de 12 anos.

A solução encontrada foi um meio termo. A ideia defendida pela equipe econômica era de 65 anos iguais, com dez anos de convergência. O presidente tinha falado, anteriormente, em 57 para mulheres e 62 para os homens, mas o secretário falou que Bolsonaro defendia 60 anos mulheres e 65 anos homens. Marinho não respondeu a nenhuma pergunta, mas deu a entender que a economia de R\$ 1 trilhão, acenda pelo ministro Paulo Guedes, está contemplada nos planos.

O anúncio de parte da reforma ajudou o tirar o foco da "crise" que se abateu sobre o Palácio do Planalto, envolvendo o ministro a Secretaria-Geral da Presidência Gustavo Bebianno, suspeitas de candidaturas laranjas do PSL nas eleições, divulgação de áudios pelo "Twitter", e Bolsonaro falando que envolvidos no escândalo "terão de voltar às suas origens". Ainda é cedo para saber se esse desentendimento de Bolsonaro e seus familiares com lideranças do PSL pode ter custos na aprovação das reformas, o que é fato é que todo e qualquer ruído político será utilizado pela oposição para ir minando o governo.



(Dia 46) 15 feu A tal crise no Palácio

"A política é a arte de fazer hoje os erros de amanhã, sem esquecer os erros de ontem"

Um dia depois de apresentadas as linhas principais da reforma da Presidência, o noticiário ficou muito concentrado no que se chama de "crise" no Palácio do Planalto, envolvendo o PSL, partido de Jair Bolsonaro, o ministro da Secretaria-Geral da Presidência Gustavo Bebianno, suspeitas de candidaturas laranjas nas eleições de 2018, e o filho Carlos Bolsonaro.

Aliás, Bolsonaro esteve no Palácio nesta sexta-feira e, pelo "Twitter" fez uma "promessa": até o fim dos seus 100 primeiros dias serão realizados 23 leilões de concessão. Também pela rede social, falou em fazer uma "Lava Jato" no setor de educação.

De volta à "crise", diversas personalidades políticas entraram em cena, com destaque para o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, e o vice, Hamilton Mourão. Não sei se em defesa do ministro, que mentiu, segundo Carlos, ao dizer que tinha falando com Bolsonaro, ou para delimitar o poder de Carlos, que é vereador no Rio, mas é tido como o rebento mais próximo do presidente.

> Jair M. Bolsonaro 🤣 @jairbolsonaro

Daremos início à Lava Jato da Educação!

10,7 mil pessoas estão falando sobre isso

Muito além de investir, devemos garantir que investimentos sejam bem aplicados e gerem resultados. Partindo dessa

determinação, o Ministro Professor @ricardovelez apurou vários

indícios de corrupção no âmbito do MEC em gestões passadas.



Até aqui, a percepção é de que Bebianno deve ficar no cargo, apesar desse desgaste, e, como falou Mourão, Bolsonaro vai "botar ordem" nos filhos. Carlos se afastaria do dia-a-dia do Palácio e das redes sociais do pai. Maia fez a ponderação mais crítica sobre o tema ao lembrar que Bolsonaro é presidente e não mais deputado ou presidente da associação dos militares. Esses ruídos dificultam o trabalho de Maia, que assumiu como responsabilidade sua, obter votos para a votação da reforma da Previdência.

O ponto é que um problema que estava no partido PSL foi parar dentro do Palácio do Planalto. Pode ser que o movimento de Carlos, de mostrar que Bebianno mentia ao falar que teve contato com o pai, foi justamente uma tentativa de manter a questão fora do governo. Mas o tiro ou o "tuite" saiu pela culatra. Falta de cálculo político? Voluntarismo? Vaidade?

0

>

Não sei. Como disse Mourão: "os filhos são um problema de cada família".

Mas certamente esse não será o último episódio que será classificado como "crise". O importante é lembrar de uma das "leis da política" feitas por Roberto Campos em parceria com o seu amigo José Guilherme Merquior: "A política é a arte de fazer hoje os erros de amanhã, sem esquecer os erros de ontem".



(Dia 49) 18 feu Esperando Bebianno

Enquanto não temos definição, o que fica é uma incerteza sobre o custo político desse imbróglio e se o evento pode ou não ter algum reflexo na tramitação das reformas

Até o momento da publicação desse registro no diário, o presidente Jair Bolsonaro ainda não tinha se pronunciado sobre a exoneração do ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Gustavo Bebianno, que tinha sido dado como certa já na sexta-feira, depois uma história que começou em 10 de fevereiro, com a publicação de denúncias sobre candidaturas laranjas do PSL, partido de Bolsonaro, divulgação de áudios para confirmar que o ministro mentiu ao dizer que falou com o presidente, e diversas notas sobre Bebianno estar magoado, que não cairia sozinho, ofertas de cargos no governo e até mesmo embaixadas na Europa.

O vice-presidente, general Hamilton Mourão, disse que "de hoje não passa", mas enquanto não temos definição, o que fica é uma incerteza sobre o custo político desse imbróglio e se o evento pode ou não ter algum reflexo na tramitação das reformas, notadamente a da Previdência no Congresso.

Aliás, a tentativa do governo de montar uma agenda positiva, mandando ao Congresso a agenda de medidas contra corrupção e combate ao crime organizado, na terça-feira, e a reforma completa da Previdência, na quarta-feira, fica eclipsada pelo evento palaciano.

Ainda sobre o tema Previdência, o secretário especial, Rogério Marinho, afirmou que Bolsonaro levará pessoalmente o texto da reforma ao Congresso. Até o momento, sabemos que as idades mínimas serão de 62 anos para as mulheres e 65 anos para os homens, com prazo de transição de 12 anos. As movimentações de sindicatos e associação também já começaram, conforme relato da "Folha de S.Paulo", para reduzir idades e alongar a transição. A batalha está só no começo e seria bom iniciar o embate sem faturas políticas em aberto.



Jair Bolsonaro chegou ao 50° dia sem Gustavo Bebianno na Secretaria-Geral da Presidência

Chegamos à metade da nossa proposta do diário de 100 dias e o governo parece tomar alguma tração, com o envio ao Congresso das medidas anticrime do ministro Sérgio Moro, e Jair Bolsonaro se preparando para entregar, amanhã, o texto completo da reforma da Previdência. Até agora, uma das



poucas promessas de campanha cristalizadas foi a edição de decreto sobre a posse de armas.

O presidente Jair Bolsonaro chegou ao 50° dia sem Gustavo Bebianno na Secretaria-Geral da Presidência. Por volta das 18h30 de ontem, o porta-voz anunciou a exoneração do ministro por razões de "foro íntimo" do presidente. Já estava escancarado o desentendimento entre os dois e o filho Carlos Bolsonaro até em áudios postados no "Twitter". Mas qualquer sobra de intimidade acabou com a revelação pela "Veja" de uma série de áudios trocados entre Bebianno e o presidente. Os dois conversaram sim pelo aplicativo de mensagens contrariando versão exposta por Carlos e reforçada por Bolsonaro que os dois não tinham se falado na semana passada.

Por ora, o caso releva muita "espuma" e permite variadas interpretações, mas não é possível enxergar, ainda, danos práticos, como perda de apoio político ou revoltas parlamentares, mesmo dando "munição para oposição". Possíveis estragos poderão ser verificados na prática ao longo das próximas semanas conforme os projetos de interesse do Executivo comecem a fluir pelo Legislativo. Também paira a dúvida se Bebianno teria mais áudios ou informações com potencial de estrago no governo.

Para o vice, general Hamilton Mourão, o caso é história. E para o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, o assunto está resolvido. Mourão também disse que o governo tem apoio de 250 parlamentes para a reforma da Previdência, número que nem o líder do governo na Câmara, major Vitor Hugo, ousou estimar. Coincidência ou não, a Câmara aprovou regime de urgência para projeto que susta os efeitos de um decreto editado por Mourão, quando ocupava a presidência, e fez mudanças sobrem quem poderia impor sigilo aos documentos do governo. Foram 367 votos favoráveis, 57 contra e 3 abstenções.



(Dia 51) 20 feu Reconhecendo o erro

Bolsonaro entregou PEC da Previdência ao Congresso e disse que errou ao se contrário à reforma quando era deputado

Como política também se faz com gestos, o presidente Jair Bolsonaro fez dois movimentos relativamente importantes neste dia. Foi ao Congresso Nacional entregar pessoalmente o projeto da reforma da Previdência e disse que errou ao ter se posicionado contra uma reforma na sua época de deputado.

O assunto também esteve presente na coletiva de imprensa para explicar a medida, que durou mais de 4 horas, mas o secretário especial da Previdência e Trabalho, Rogério Marinho, soube lidar com o tema, dizendo que "temos um presidente que ouve, analisa e decide" e que Bolsonaro está convencido de que esse é o melhor projeto para o Brasil.

O governo também está ciente de que texto apresentado, que prevê uma economia de R\$ 1,1 trilhão ao longo de dez anos, não necessariamente será mantido pelo Congresso, que vai "aperfeiçoar e discutir" a proposta.

A grande questão, agora, é saber qual será o grau de diluição dessa proposta, ou seja, até que ponto o governo vai alterar pontos do projeto original para obter o número de votos necessários à aprovação da reforma.

A percepção não só minha, mas de alguns participantes do mercado e analistas políticos, desde o fim do ano passado, é que alguma reforma será aprovada. Só ainda não sabemos que reforma será essa e qual será seu impacto sobre as contas públicas. E essa dúvida ainda vai persistir por mais alguns meses.



(Dia 52) 21 fev Discrição com o vizinho

Maduro fecha fronteira com o Brasil, Planalto não vê chance de fricção na região e despacha o vice para discutir a relação

O noticiário do dia acabou pautado pelas declarações de Nicolás Maduro, que se segura como pode no "comando" da Venezuela. Para o ditador é preciso responder às provocações do Brasil e outros países vizinhos, que tentam enviar ajuda humanitária e já reconheceram Juan Guiadó como presidente do país. Por aqui, a postura do governo Jair Bolsonaro foi de não responder a provocações. Até a publicação do diário a posição era: "não haverá manifestação sobre o assunto". Mas pouco antes das 19 horas, o porta-voz, general Rêgo Barros,



reforçou que o intuito do governo é acolher os irmãos venezuelanos e que o governo não vê possibilidade de "fricção na região", já que o ponto focal é "ajuda humanitária". O vice, general Hamilton Mourão, ruma para a Colômbia para discutir a crise venezuelana.

Com a reforma da Previdência na rua, começa um tiroteio de notícias para todos os gostos. A oposição vocifera em "defesa" do pobre,

a situação está em busca de votos e liderança. Diariamente vamos ver todo o tipo de apuração com contagens extraoficiais de deputados ou senadores que apoiam ou não a reforma. Há um lenda aqui em Brasília de que muita gente opera ações, opções e outros ativos financeiro aqui da Esplanada dos Ministérios e da Praça dos Três Poderes. Paciência e discernimento terão de pautar, ainda mais, a leitura do cenário nos próximos meses.

Vale ainda um adendo do dia 51. Bolsonaro não fez dois, mas três importantes gestos mostrando seu convencimento da importância das reformas. Não só levou um texto mais "duro" ao Congresso e reconheceu que errou quando se disse contrário à reforma na sua época de deputado, como fez um pronunciamento à nação defendendo a proposta. Sinais de que ele teria mesmo a propagada humildade de ouvir o Paulo Guedes, que é o "cara", ou "posto Ipiranga" da economia. Aliás, Guedes também foi à TV e defendeu a economia de R\$ 1,1 trilhão prevista pela reforma, dizendo que cada vez que se reduz esse número, "estamos sacando contra o futuro de nossos filhos e netos".



(Dia 53) 22 fer Não bastasse o vizinho, o filho

General Hamilton Mourão disse que só vê confronto se Brasil for atacado, mas que "Maduro não é louco a esse ponto"

A relação com a Venezuela segue firme no noticiário e mobilizando Jair Bolsonaro e o Palácio do Planalto. O porta-voz da Presidência, general Rêgo Barros, disse que a atuação do Brasil é exclusivamente humanitária, sem uso "de outras frentes neste momento" e que não "estamos avaliando qualquer possibilidade de ataque". Sobre as notícias de posicionamento de mísseis pela Venezuela na fronteira, Barros disse que "não está confirmado" e que "não

conjecturamos poder de combate", ao ser questionado o que o governo faria se tal informação se confirme. Em entrevista à "BBC News Brasil", o vice, general Hamilton Mourão, disse que só vê confronto se Brasil for atacado, mas que "Maduro não é louco a esse ponto". O dia também trouxe de volta notícias pouco abonadoras envolvendo o filho Flávio Bolsonaro, o PSL e o tal "laranjal" do partido, que já derrubou Gustavo Bebianno.

No lado da reforma da Previdência, notícias de insatisfação com a falta de um projeto sobre os militares, otimismo de Paulo Guedes, que acredita em aprovação no primeiro semestre, e um alerta do Ministério da Economia, sobre os possíveis impactos adversos sobre a economia da não aprovação da reforma. Essa alerta pode ser visto como um movimento dentro da batalha de convencimento da população e contra as "fake news" envolvendo o tema. As reações das "corporações de privilegiados", como diz o ministro, já começaram. Na "Folha de S.Paulo", associações de servidores públicos ameaçaram ir à Justiça contra o aumento para até 22% da contribuição previdenciária sobre salários elevados. Os servidores chamam a medida de "confisco" e nas redes sociais, um deles falou que a reforma é "comunista".

Pedir um sacrifício maior do funcionalismo é justo e faz sentido. Eles são imunes ao ciclo econômico, não sabem o que é demissão e algumas categorias garantem reajustes independentemente da situação do país. No entanto, por ser um grupo bastante organizado e com recursos para mobilização, pode e vai gritar bastante contra a reforma. Historicamente sempre prevaleceu a lógica dos benefícios concentrados e custos difusos no trato da coisa pública. Será que finalmente isso pode mudar?



(Dia 56) 25 feu O pedido de um aliado

A Venezuela segue em pauta e o vice-presidente, Hamilton Mourão, que representa o Brasil em reunião na Colômbia, ao lado do chanceler Ernesto Araújo, disse que o Brasil quer que o país volte ao "convívio democrático", sem "medida extrema". Por aqui, o presidente Jair Bolsonaro usou o "Twitter" para comemorar o juro e inflação baixos e voltou a destacar a importância de investimentos em portos, lembrando que em 30 dias acontecerão leilões de áreas portuárias.

No lado das reformas, destaque para as falas do presidente da Câmara, Rodrigo Maia, alertando que o governo já está perdendo a batalha da comunicação com relação à Previdência e pedindo para que o presidente e seus apoiadores voltem a usar as redes sociais, como no período de campanha, para defender a medida. Maia é declarado defensor das reformas, mas sozinho não vai mesmo conseguir travar e vencer todas as "batalhas" que a votação da medida vai demandar. Vamos ser se Bolsonaro e seus apoiadores vão atender ao chamado de Maia.



(Dia 57) 26 fev De Foz à articulação política

Presidente se reúne como líderes partidários e governo parece entender as críticas feitas e refeitas por Rodrigo Maia

O presidente Jair Bolsonaro esteve em Foz do Iguaçu para posse da diretoria de Itaipu Binacional e de lá disse contar com o patriotismo e o entendimento do Parlamento para o andamento da reforma da Previdência. Mas como apenas "contar" com algo não adianta em política, de volta a Brasília, Bolsonaro está reunido com lideranças partidárias no Palácio do Planalto.

Não só Bolsonaro, mas outros membros do governo parecem ter dado ouvidos ao pedido e ao alerta feito presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), de que a batalha da comunicação está sendo perdida. Nesta terça-feira, Maia voltou ao tema em evento em São Paulo e defendeu que as negociações sejam feitas com partidos e não com as chamadas bancadas temáticas. O presidente da Câmara foi direto ao ponto ao dizer: "As bancadas são construídas basicamente para defender uma agenda corporativa público ou privada", afirmou.

Abordamos as incertezas dessa tentativa de fazer "nova política" sem partidos em outubro do ano passado. Maia também voltou falar que o governo deveria ter preparado as redes sociais, que foram essenciais na campanha, para essa guerrilha da comunicação.

Também no front da articulação política, o secretário especial da Previdência, Rogério Marinho, esteve com a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) e com bancadas de outros partidos. As primeiras mudanças no texto da reforma devem envolver, mesmo, a previdência rural e o BPC, que atende aos idosos em situação de miserabilidade.

Estive na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado para a sabatina de Roberto Campos Neto para presidência do Banco Central (BC), mas o tema Previdência também esteve por lá. A proposta foi duramente atacada por um senador do PT, defendida por dois governistas, e relativizada por Kátia Abreu (PDT-TO), para quem "a reforma não é essa Coca-Cola toda" e o governo tem de



Luis Macedo/Câmara dos Deputados

sinalizar outros temas relevantes para o eleitorado, como tributação de lucros e dividendos. A fala dela ecoa e disse Maia: "Nós também temos os nossos eleitores, que nos demandam realizações nos nossos Estados".



Saúde para deitar nas redes

Presidente se comprometeu a usar mais suas redes sociais para defender a reforma da Previdência

O presidente **Jair Bolsonaro** esteve em São Paulo para uma avaliação médica e está "ótimo" segundo o médico responsável pelo seu acompanhamento. Ao longo do dia percebeu-se uma continuidade das movimentações do governo em busca da "articulação política" necessária ao andamento da **reforma da Previdência**.

Parece que o alerta e o pedido feito pelo presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, na segunda e terça-feira surtiu efeito e mesmo que não seja possível fazer uma avaliação de resultados, o que podemos falar é que o "jogo começou". Os líderes partidários que tiveram reunidos ontem com o presidente saíram com a promessa de uma atuação maior dele nas redes sociais, como forma de endossar os argumentos que serão utilizados para defender a reforma.

Em São Paulo, o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, colocou a economia de R\$ 1 trilhão ao longo de dez anos com a reforma como "cláusula pétrea" e "inegociável". O aceno é importante e faz coro com **algo já dito** pelo ministro da Economia, **Paulo Guedes**, mas parece difícil de virar realidade.



Juan Guaidó e uma bola fora

Bolsonaro recebe presidente interino da Venezuela e fala um pouco demais sobre reforma da Previdência

O presidente **Jair Bolsonaro** recebeu o presidente interino da **Venezuela**, Juan Guaidó, no Palácio do Planalto, e disse que "não pouparemos esforços" para que a democracia seja restabelecida no país vizinho. Em sua fala, Bolsonaro voltou a descartar a opção por intervenção militar, como já tinha dito o vice, Hamilton Mourão, falando em eleições limpas e confiáveis. O presidente também não perdeu a oportunidade de dar aquela cutucada no PT, ao falar que dois ex-presidentes "foram em parte responsáveis" pela crise venezuelana.

Na agenda da reforma da Previdência, o jogo político segue, e o presidente mandou uma

"bola fora" ao admitir que pode rever a idade mínima de aposentadoria das mulheres, fixada em 62 anos, e outros pontos da reforma. Segundo o presidente, existem algumas "gorduras que a gente possa rever".

Como disse aqui, eventuais modificações na proposta encaminhada ao Congresso não são problema, a questão é quem fala sobre elas, e as declarações de Bolsonaro destoam completamente dos acenos que vinham sendo dados por outros membros de seu governo, como Onyx Lorenzoni, Paulo Guedes, e Rogério Marinho, que estão defendendo o texto original. Quem deve cortar "gordura" ou impor uma "dieta" à reforma, são os parlamentares, notadamente os da oposição. Ainda bem que vem um feriadão pela frente e tomara que ele seja utilizado para um alinhamento de estratégia para defesa e promoção da reforma.



(Dia 60) 1mar Veja bem, não é por ai

Turma do controle de danos entrou em campo para explicar o que o presidente realmente queria dizer

O presidente Jair Bolsonaro teve apenas agendas internas no Palácio de Planalto. O que me chamou atenção é que o presidente está desde o dia 26 de fevereiro (estamos em 1º de março) sem postar nada na sua conta do "Twitter". Algo pouco usual, ainda mais depois das conversas de que ele seria mais atuante nas redes em defesa da reforma da Previdência. Mesmo no período internado em São Paulo a conta sempre teve conteúdo seu ou "retuitado".

Ainda no campo da reforma, a turma do "veja bem" ou de "controle de danos" entrou em ação nesta sexta-feira para explicar as declarações de ontem de Bolsonaro sobre reduzir idade mínima para mulheres e cortar outras "gorduras" do texto original. O vice, general Hamilton Mourão, disse que o presidente foi "mal interpretado" e que ele queria mostrar que tem coisas que o Congresso poderá mudar. O líder do governo na Câmara, major Vitor Hugo (PSL-GO), reforçou o coro dizendo que Bolsonaro apenas sinalizou a disposição de negociar. Então tá.

A melhor comparação que vi para o caso estava no "morning call" de uma corretora: "Ao lidar com o Congresso, o presidente seria o equivalente a um jogador de pôquer com uma boa mão, mas que começa a sorrir e suar de felicidade antes de fazer uma aposta, ou seja, parece que não sabe jogar o jogo. Dizer que 'existe gordura para queimar' é dar aos deputados exatamente o que eles queriam para satisfazer suas bases, argumentos contrários a pontos da reforma. Seria cômico, se não fosse trágico". Ainda bem que não foi um "all-in" e ainda há fichas na mesa.



Presidente voltou ao "Twitter" e falou sobre a Lava-Jato da educação e MP que trata das contribuições sindicais



Depois de um hiato incomum de quatro dias fora das redes sociais, o presidente Jair Bolsonaro voltou a fazer postagens no "Twitter". Depois de desejar boa semana a todos, o presidente comentou a medida provisória (MP) 873 que proíbe desconto de contribuição sindical do salário. Em sua conta do "Twitter", o secretário especial de Previdência e Trabalho, Rogério Marinho, afirmou que a medida é necessária devido ao "ativismo judiciário, que tem contraditado o Legislativo e permitido a cobrança".

Já vemos notícias dando conta de que as centrais sindicais querem fazer mudanças no texto do MP para garantir o recebimento de contribuição. No fim, a medida deve virar mais uma barganha envolvendo a reforma da Previdência.

Bolsonaro também voltou a falar, mas sem mais detalhes sobre a "Lava-Jato da Educação", escrevendo que "dados iniciais revelam indícios muito fortes que a máquina está sendo usada para manutenção de algo que não interessa ao Brasil. Sabemos que isto pode acarretar greves e movimentos coordenados prejudicando o brasileiro. Em breve muito mais informações para o bem de nosso país".

A nota carnavalesca do dia foi o desfile do boneco de Bolsonaro em Olinda. Segundo a "Folha de S.Paulo", o boneco foi alvo de pedras de gelo e latas de cerveja. O "G1" nos conta que também ocorreram manifestações positivas.



Nas redes, presidente comenta superávit primário de janeiro, cultura e lei Rouanet

O presidente Jair Bolsonaro esteve com o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, que ao deixar o Palácio da Alvorada afirmou que "estamos muito seguros" com relação à proposta de reforma da Previdência. A rotina de trabalhos do presidente reinicia amanhã, mas o

Congresso só deve voltar mesmo na próxima semana, fornecendo alguma prova dessa segurança. A Câmara dos Deputados precisa instalar a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), primeira parada oficial do texto.

Nas redes, o presidente comentou o superávit primário de janeiro, de R\$ 30,2 bilhões, para dizer que "estamos mudando o Brasil". O resultado é sazonal e inferior ao de janeiro de 2018. Agora em fevereiro já devemos voltar a registrar os usuais déficits primários. Também no "Twitter", o presidente falou da importância de resgatar nossa cultura, após décadas de governos com viés socialista, e que alguns tipos de artistas não mais se locupletarão da Lei Rouanet. Por ora, nenhum "tuite" em apoio à reforma da Previdência.



(Dia 65) 6 mar Nada confortável

Vídeo postado e comentado pelo presidente tomou conta do noticiário do dia



Tentei achar outro assunto para o diário,

mas o dia foi tomado pela repercussão do vídeo postado pelo presidente Jair Bolsonaro comentando "o que tem virado muitos blocos de rua no carnaval brasileiro". O tema mobilizou o "Twitter", repercutiu no noticiário internacional e se soma a outras "polêmicas" do governo e a capacidade das "redes" em "criar caso" em temas que não importam ou seriam secundários, com o azul e rosa da ministra Damares Alves.

O governo tem uma "agenda moral" e é natural que a defenda e a exponha. Como disse o assessor especial da Presidência Filipe Martins ao dizer que o presidente apenas expôs o "estado de degeneração que tomou nossas ruas nos últimos dias". Mas creio que a prioridade em termos de mobilização nas redes sociais seria outra: a reforma da Previdência, que sumiu das redes do presidente, e outras pautas da área econômica (nosso foco aqui).

Certamente não teria tamanha repercussão, pois as coisas que importam ganham uma fração da atenção dispensada aos assuntos pouco relevantes, ainda mais no ambiente de redes sociais. Quem falou sozinho sobre o tema que importa foi o secretário especial da Previdência e Trabalho, Rogério Marinho, lembrando que "em 2018 Brasil gastou 712 bilhões com previdência e assistência, 119 bilhões com saúde e 74 bilhões com Educação. País que gasta dez vezes mais com previdência de que com Educação é País que precisa repensar suas prioridades. A nova previdência é essencial para correção de rumos."



Aquele 1% engajado com a reforma

Presidente volta a falar de Previdência, mas na Câmara atrasos devem se confirmar

Depois de uma semana sem tocar no assunto diretamente, o tema reforma da Previdência voltou ao discurso do presidente Jair Bolsonaro. Em evento no Rio de Janeiro, o presidente disse que "entraremos, sim, em uma nova Previdência" e que a reforma também atingirá os militares. A manifestação é pouco empolgante, mas melhor que a última fala sobre o tema, na qual o presidente falou das "gorduras" do seu projeto.

Depois dos alertas e apelos feito pelo presidente da Câmara, Rodrigo Maia, a ideia transmitida era de que Bolsonaro usaria seu poder de comunicação e mobilização nas redes sociais para defender a reforma. Mas até agora, temos só pouco mais de 1% de engajamento. Levantamento feito pelos colegas do "Estadão" nos mostrou que dos 515 tuítes do presidente desde 1º de janeiro, o tema reforma da Previdência apareceu em apenas cinco deles.

O número de tuites subiu um pouco, mas sem impacto no quadro geral, pois no fim da tarde, Bolsonaro finalmente usou o "Twitter" para falar da importância da reforma, destacando que a partir dela "o país terá condições de estabilizar as contas, potencializar investimentos, viabilizar uma rígida reforma tributária e enxugar ainda mais a máquina pública, reduzindo nossas estatais".

Se batalha da comunicação vai decepcionando, no lado da batalha política a coisa também não vai bem. O líder do governo na Câmara, major Vitor Hugo (PSL-GO) disse que a instalação das comissões da Casa deve levar de duas a três semanas. A instalação da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), primeira parada da reforma, estava prevista para a próxima semana. Aliás, aguardar a próxima semana é o que resta.



(Dia 67) 8 mar Nova estratégia?

Presidente volta a defender reformas nas redes e em pronunciamentos

O presidente Jair Bolsonaro voltou a defender a reforma da Previdência nas suas redes socias e em pronunciamentos que fez ao longo do dia. Os eventos de ontem e hoje parecem sugerir uma mudança de estratégia, com Bolsonaro entrando na batalha da comunicação. A questão, agora, é quanto tempo esse engajamento vai durar e se a estratégia vai ter algum êxito. Pois mobilizar paixões em tempo de eleição é muito mais fácil do que fazer alguém se apaixonar e defender uma reforma econômica, que tem benefícios difusos sobre a sociedade e custos concentrados, justamente, nos grupos de maior capacidade de mobilização.

O dia também contou com uma rara aparição de Paulo Guedes, que em entrevista exclusiva ao "Broadcast", do "Estadão", falou que faltam apenas 48 votos para a reforma passar na Câmara. O ministro também pediu o seu trilhão em economia com o ajuste nas regras previdenciárias.



(Dia 70) 11 mar Entre a nova e a velha política

Bolsonaro parece ceder para construir base de apoio, a questão é até que ponto

O fim de semana e a segunda-feira foram de repercussão do que parece ter sido uma mudança na estratégia de comunicação e de postura do presidente Jair Bolsonaro com relação à reforma da Previdência. No fim da semana passada, o presidente se manifestou em suas redes sociais e em live no "Facebook" sobre o tema. No sábado, recebeu o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), onde fez um importante movimento, liberando a negociação de cargos do segundo escalão. A contrapartida é que indicados tenham boa reputação.

Parece um pouco cedo para cravar alguma coisa, mas a decisão de aceitar nomeações pode colocar em evidência um choque ou ponderação do que seria a "velha política" de "toma lá, dá cá", criticada pelo presidente, com a "nova política", que teria aspirações partidárias e de alinhamento de programas.

Vencer ou mesmo desafiar o que Milton Friedman chama de "tirania do status quo" é algo particularmente difícil e me parece que o governo vai ter de ceder à "velha política" em nome da construção de uma base de apoio não só para a reforma da Previdência, mas por toda sua agenda. A questão, como sempre, é até que ponto ceder para não correr o risco voltarmos a ver um governo de cooptação e não de coalisão. A alternativa seria uma ruptura com o sistema político como conhecemos, tema que creio embalou a candidatura de Bolsonaro, mas sob o risco de uma paralisia da sua agenda de governo.





Não tem como fugir

Bolsonaro sempre soube que negociações envolvem verbas e cargos, a questão é até que ponto ceder

O presidente Jair Bolsonaro é político de carreira e sabe que não tem como fugir das emendas impositivas e nomeações para cargos políticos. Como disse o ex-senador e "Vocês sabem que as pressões são enormes porque ® a velha política sempre parece que quer nos puxar para fazer o que faziam antes. Nós não pretendemos fazer isso. Sabemos que aquele caminho está errado. [...] O nosso caminho aqui é diferente do anterior", disse Bolsonaro. Jair M. Bolsonaro 🕜 @jairbolsonaro Informo que não há verbas sendo liberadas para aprovação da Nova Previdência como veículos de informação vem divulgando. Seguimos o rito constitucional e obrigatório do Orçamento Impositivo, onde é obrigatório a liberação anual de emendas parlamentares. No mais, segue a verdade > 9.663 pessoas estão falando sobre isso

ex-líder de quatro governos, Romero Jucá, em entrevista à "Folha de S.Paulo", o discurso eleitoral de rejeitar a articulação com partidos é um âncora puxando o governo para baixo. "Ou eles cortam a âncora ou não vai ver base partidária."

O dilema, como discutimos aqui, é até onde ceder, ou cortar essa âncora, em nome da tal governabilidade e não decepcionar um eleitorado e um discurso contra a "velha política". É disso que o presidente se ocupou ao longo do dia.

No "Twitter", o presidente disse que a liberação de emendas "segue o rito constitucional". Depois, voltou ao tema, após evento com o presidente do Paraguai, Mario Abdo Benítez, afirmando que não veremos mais negociações parlamentares "no nível que existia no passado" e que nomeações terão se ser de "pessoas técnicas e competentes". Ainda de acordo com Bolsonaro, a articulação não é importante para o governo, mas sim para o Brasil, pois se reforma da Previdência, o país "corre sério risco no tocante ao futuro".o risco de uma paralisia da sua agenda de governo.



Tiros em Suzano

Não levou minutos para que massacre em colégio entrasse na pauta política

O presidente **Jair Bolsonaro** usou sua conta no "Twitter" para prestar condolências aos familiares das vítimas do atentado ocorrido na escola professor Raul Brasil, em Suzano, São Paulo. "Uma monstruosidade e covardia sem tamanho", escreveu.

Mesmo sendo uma monstruosidade e covardia, não levou minutos para que o tema fosse politizado. A oposição critica a postura do presidente, que busca flexibilizar a posse de armas.

Do outro lado, o líder do PSL no Senado, Major Olímpio (SP), fala que tragédia teria sido minimizada se professores ou funcionários da escola estivessem armados. Monstruosidade e covardia, mesmo, é usar corpos para levantar bandeira política, qualquer que seja, após eventos do tipo. Mas enfim, a política sempre foi sórdida.

No lado da economia, Roberto Campos Neto fez seu primeiro discurso como presidente do Banco Central (BC). Não deu acenos sobre eventual mudança imediata na Selic, atualmente fixada em 6,5% ao ano, e se comprometeu com a bandeira liberal ao encerrar sua fala citando o ex-presidente americano Ronald Reagan: "quando o governo aumenta a liberdade individual diminui".

O ministro Paulo Guedes também participou do evento do BC e falou mais que o dobro de tempo que Campos Neto, quase 40 minutos. Com boas frases e tiradas irônicas, mostrou otimismo com a aprovação da reforma da Previdência, defendeu a venda de estatais, que estão avaliadas em R\$ 1,250 trilhão, e disse que não precisamos mais de "dinheiro carimbado" ao falar do projeto que revê o Pacto Federativo. Falando em reforma, a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) está para ser instalada nesta quarta-feira, iniciando a contagem de prazo oficial para a tramitação do projeto.



(Dia 73) 14 mar Ciranda na Educação

Parece que Bolsonaro terá de fazer alguma ação mais firme para o MEC começar a trabalhar

O presidente Jair Bolsonaro reuniu ministros no seu "Conselho de Governo", mas parece que terá de tomar alguma ação mais afirmativa com relação às confusões no Ministério da Educação (MEC). Em dois dias, o ministro Ricardo Vélez Rodrígues, trocou duas vezes seus secretário-executivo, isso depois de promover outras mudanças de forma pouco discreta envolvendo ditos alunos de Olavo de Carvalho.

No meio da confução, aparecem notícias de que os "militares" também estariam envolvidos, mas não é possível falar em "militares" como um bloco monolítico. Há diferentes grupos entre os militares e os desentendimentos no MEC envolveriam uma parcela que também seria ligada a Olavo de Carvalho. No geral, me disse uma fonte com trânsito nos gabine-



tes, os militares que foram indicados pelos generais seguem longe dos holofotes e produzindo bem.

No lado da reforma da Previdência, com a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) formalmente instalada na Câmara dos Deputados começa o "jogo oficial", com contagem de prazos, negociações e barganhas.

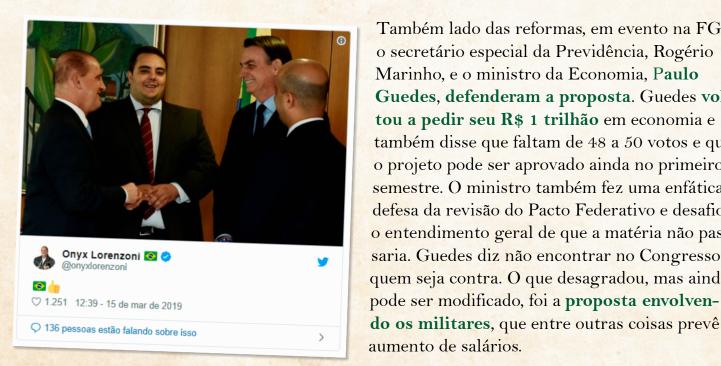


Governo obtém sucesso em leilão de aeroportos, primeiro feito da agenda econômica

O presidente Jair Bolsonaro e outros membros do governo comemoraram o resultado do

primeiro leilão de concessão do governo. O certame envolveu 12 aeroportos e movimentou R\$ 2,377 bilhões. Para o ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, o leilão mostrou que os investidores estrangeiros vieram para ficar.

Como política também se faz com gestos, Bolsonaro recebeu o presidente da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara, deputado Felipe Francischini. O ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, registrou o encontro em seu "Twitter". A CCJ é a primeira parada da reforma da Previdência, mas ainda falta definir quem será o relator.



Também lado das reformas, em evento na FGV, o secretário especial da Previdência, Rogério Marinho, e o ministro da Economia, Paulo Guedes, defenderam a proposta. Guedes voltou a pedir seu R\$ 1 trilhão em economia e também disse que faltam de 48 a 50 votos e que o projeto pode ser aprovado ainda no primeiro semestre. O ministro também fez uma enfática defesa da revisão do Pacto Federativo e desafiou o entendimento geral de que a matéria não passaria. Guedes diz não encontrar no Congresso quem seja contra. O que desagradou, mas ainda pode ser modificado, foi a proposta envolven-





Make Brazil Great Again



Presidente apresenta ao mundo o novo Brasil, livre de viés ideológico

O presidente Jair Bolsonaro encerrou sua agenda nos Estados Unidos ao lado de Donald Trump apresentando um novo Brasil, "que se apresenta para o mundo sem viés ideológico" e que continuará fazendo negócios com o maior número possível de países. O presidente também reafirmou valores que os dois mandatários dizem compartilhar, como garantia das liberdades, respeito à família tradicional, contrário à ideologia de gênero, ao politicamente correto e às "fake news".

De prático, o país sai com uma promessa de indicação formal para fazer parte da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Fazer parte do clube é algo que o país almeja tem algum tempo e vem buscando alinhar políticas aos princípios e diretrizes ado-

tados pelo bloco de 36 países. O apoio é importante, mas o processo ainda deve levar mais algum tempo.

Alinhamento também com relação à Venezuela e na luta contra o comunismo e "marionetes de Cuba". Trump também fez menção de ter o Brasil como um aliado extra OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e disse que todas as opções estão sobre a mesa quando questionado sobre eventual atuação militar para derrubar Nicolás Maduro. Sobre o tema, Bolsonaro disse que esse é o tipo de coisa que não se debate publicamente. Bolsonaro também reforçou a importância das reformas, "que transformarão o país em um parceiro ainda mais atraente" e que o governo quer melhorar as contas públicas e o ambiente de negócios.

Por aqui, a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara teve sua **primeira sessão**, mas a **reforma da Previdência** seguiu fora da pauta oficial. Chegando ao Brasil, na quarta-feira, Bolsonaro deve bater o martelo sobre a **reforma dos militares**, enviando o texto ao Congresso e "destravando" o andamento do texto principal.



De volta ao Congresso, mas menos popular

Reforma dos militares chega ao Congresso e Ibope mostra um Bolsonaro menos popular

O presidente Jair Bolsonaro voltou ao Congresso Nacional. Agora, para apresentar o texto da reforma da Previdência dos militares. O gesto é importante e era visto como necessário para destravar o andamento da reforma que atinge o restante da sociedade. No entanto, como veio acompanhado de uma reestruturação de carreira e com economia de apenas R\$ 10 bilhões, pode somar bastante ruído ao debate.

Enquanto o presidente era recebido no Congresso, o Ibope trouxe notícias pouco alvissareiras. A aprovação de sua equipe caiu pelo segundo mês seguido, com 34% dos brasileiros considerando a gestão Bolsonaro "boa ou ótima", contra 39% em fevereiro. Em janeiro, o percentual era de 49%. Em janeiro, 62% diziam confiar no presidente, número que passou para 55% em fevereiro e, em março, atingiu 49%.

Seria a reforma da Previdência? A falta de reação da economia? Os tuites polêmicos do carnaval? Os casos envolvendo candidaturas laranjas do seu partido? Um pouco de cada coisa? Está aberta uma temporada de conjecturas, mas o que importa mesmo será a reação de Bolsonaro e seu governo a esse "recado" das ruas, mesmo que o presidente e alguns de seus assessores não acreditem em pesquisas.



(Dia 80) 21 mar À sombra do ex

Prisão de Michel Temer é evento político do dia, mas não deve ser novo "Joesley Day" para a Previdência

O noticiário do dia girou em torno não do presidente Jair Bolsonaro, que aliás está de aniversário, mas sim do ex-presidente Michel Temer, preso no âmbito da operação Lava-Jato. Como não poderia ser diferente, a repercussão política foi grande, ainda mais que outro preso, o ex-ministro Moreira Franco, é sogro do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ). Mas ainda é cedo para avaliar algum resultado prático sobre como isso pode vir a afetar a agenda do atual governo. Ainda hoje, Bolsonaro embarca para o Chile e quem assume interinamente é o seu vice, general Hamilton Mourão.

O que parece pouco provável é que os problemas de Temer com a Justiça venham a impedir a realização da reforma da Previdência, como aconteceu no fatídico dia 17 de maio de 2017, o "Joesley Day", quando foi divulgada gravação de conversa de Temer com o empresário Joesley Batista, evento que se mostrou decisivo para o desgaste do governo e o abandono da reforma de então.

No lado das reformas de agora, os congressistas continuam digerindo e criticando o texto da **previdência dos militares**, que incorporou uma reestruturação de carreiras. O governo terá de reforçar a articulação para que isso não seja motivo para desidratar o texto da reforma geral.

Ainda ontem, o Congresso enviou um sinal positivo sobre a ampla pauta liberal defendida pela equipe econômica do governo. Por 329 votos foi finalmente aprovada a entrada de até 100% de **capital estrangeiro em empresas áreas**, algo que o governo tentava aprovar ao menos desde 2010.

É uma legislação mais liberal que o padrão internacional, pois a maioria dos mercados impõe algum limite para estrangeiros atuarem no setor. Apesar de ser um resultado positivo está de longe de sinalizar a base de votos para a reforma, mas mostra um Congresso menos refratário a temas que antes eram tabu dentro no nosso nacionalismo tupiniquim.



Me dê motivo, para ir embora...

Do Chile, presidente vê Rodrigo Maia deixar articulação pela reforma

O presidente **Jair Bolsonaro** segue em viagem internacional e de longe viu a eclosão de um problema de articulação política que deve exigir uma revisão de postura para se resolver. Depois de ser atacado por Carlos Bolsonaro, o presidente da Câmara, **Rodrigo Maia**, **abandonou o papel de articulador político** que tinha assumido de bom grado pela reforma da Previdência. Maia afirmou que seguirá defendendo a reforma, mas que Bolsonaro terá de conseguir os votos para o projeto.

Do Chile, Bolsonaro disse que não deu motivo para a saída de Maia e que está aberto ao diálogo. O que se percebeu é que a mudança de postura de Maia deu vazão à insatisfação de boa parte dos parlamentares que já reclamavam da falta de diálogo com o governo.

A briga não é de hoje e envolve os conceitos de "velha" e "nova política". Bolsonaro discursa como se ainda estivesse em campanha, com o tom de criminalizar a "política tradicional" e brigar contra o "toma lá, dá cá". Isso é importante para manter sua base de apoio engajada, mas não pode ser feito via agressão direta e indireta aos aliados.

Segundo nos **contou** a "Folha de S.Paulo", Maia falou ao ministro da Economia, Paulo Guedes, que ele fará a "nova política" e que isso consistiria em não fazer nada e esperar por aplausos nas redes sociais.

O presidente terá de fazer uma mudança de **discurso e de postura**. Negociar com o Congresso não é ceder à velha política. As barganhas não precisam ser sempre espúrias e envolver verbas e cargos. Bolsonaro tem de convencer que a vitória da reforma da Previdência e demais pautas será de toda a classe política e não apenas do seu governo. No lado contrário, as derrotas serão sempre de Bolsonaro e não pulverizadas na figura impessoal do "Congresso".



Planalto decide pacificar relações com o Congresso, mas quem fala em descer ao salão de baile é Paulo Guedes

Depois de um tumultuado fim de semana trocando farpas com o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, o presidente Jair Bolsonaro fez reuniões com Paulo Guedes (Economia), Onyx Lorenzoni (Casa Civil) e outros ministros do que se pode chamar de "núcleo duro", mas não falou publicamente sobre como resolver o embate entre a nova e a velha política no trato com o Congresso. Ainda a ordem seria pacificar a relação e manter o foco na reforma da Previdência.

Coube a Guedes **falar do assunto** em evento da Frente Nacional de Prefeitos, entidade que mostrou apoio às reformas, mas criticou duramente a articulação política. Segundo Guedes, há um problema de comunicação que será superado pelas lideranças políticas. De acordo com ministro, que tem uma forma peculiar de comunicação, Bolsonaro não quer dançar de rosto colado porque está uma confusão aí dentro (Câmara), o par (Maia) diz que tudo bem não colar o rosto, mas tem que dançar.

"Não tem caos nenhum", disse Guedes, complementando que não pode ter "toma lá, dá cá", mas tem que ter conversa. Guedes disse estar "absolutamente confiante" e deitou elogios à classe política, que é "inteligente, sofisticada e sábia", por ter se adaptado a um sistema de financiamento que colapsou. Para Guedes, a classe política "vai se adaptar" ao novo momento.

Enquanto isso, do outro lado do salão de dança, ou front de batalha mesmo, Maia mantém a postura em defesa da reforma, mas reforça que a função de obter votos e ditar o timing do projeto é de Bolsonaro e seus ministros. A semana será longa.



Matou a reforma e foi ao cinema?

Bolsonaro faz agenda social e governo manobra para Guedes escapar de convocação na CCJ

O noticiário de parte do dia foi dominado por duas informações. O presidente **Jair Bolsonaro** foi ao cinema, no que seria um gesto de desprendimento diante das dificuldades da articulação política, enquanto seu ministro da Economia, **Paulo Guedes**, desistiu de ir à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara debater a **reforma da Previdência**. A justificativa oficial é que Guedes acha mais proveitoso ir ter com os deputados quando o relator for escolhido, mas na CCJ a visão que transpareceu foi de que ele temia apanhar da oposição e mesmo da base.

Começando pelo presidente, sua **ida ao cinema** teve caráter de ação social, ou se preferir, de contato com as bases, que é algo que ele tem feito muito bem. A produção atende a surdos e mudos e foi sugestão da primeira-dama Michelle Bolsonaro, que atuou com tradutora de libras na campanha e também fez discurso nessa linguagem na posse presidencial.

Já a manobra evasiva de Guedes **terminou sem maiores consequências**, mesmo que ele e o projeto tenham sido fustigados pela oposição, algo natural. Seja por habilidade do governo ou fraqueza da oposição (o que é um fato), o ministro não será convocado, algo que é sempre uma afronta ao governo. Ficou acertado que Guedes vai à CCJ na quarta-feira da próxima semana.

Vitória na Câmara, tropeço no Senado, já que o líder da oposição, Randolfe Rodrigues (Rede-AP) conseguiu as assinaturas necessárias para encampar um projeto que busca derrubar o decreto de Bolsonaro que isenta de visto os viajantes dos EUA, Japão, Canadá e Austrália.



Abraço e beijo aos congressistas

Bolsonaro deixa claro que não vai recuar na sua relação com o Congresso

O dia começou com todos atônitos depois que o Congresso aprovou em uma hora uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que aumenta a rigidez do orçamento, algo que vai na contramão de tudo que defendeu o ministro Paulo Guedes, mas que teve apoio do presidente Jair Bolsonaro e sua bancada no PSL.

De São Paulo, onde foi fazer exames médicos, Bolsonaro deixou claro que não vai recuar, mesmo com o Congresso fazendo uma clara demonstração de força, reconhecida até pelo ministro Paulo Guedes, que foi na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado.

Segundo Bolsonaro, os deputados estão fazendo "tempestade em copo d'água" com as reclamações pela falta de diálogo com o Executivo. Perguntando se teme novas "pautas-bombas" do Congresso, falou em entrevista na "TV Bandeirantes": "façam pauta-bomba para me surpreender positivamente. Um abraço e um beijo a todos deputados e senadores".



(Dia 87) 28 mar Tempestade de verão

Bolsonaro distensiona sua relação com o Congresso e abraça duas frentes caras à sua plataforma: a reforma da Previdência e o combate ao crime

Depois de uma intensa troca de caneladas ontem, o presidente Jair Bolsonaro desarmou a artilharia que lhe é peculiar e disse que os desentendimentos com o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, foram uma "chuva de verão", mas que agora "o céu está lindo" e que o assunto é "página virada".

Maia retribuiu e em almoço com o ministro da Economia, Paulo Guedes, falou em colocar o trem nos trilhos para que possamos caminhar com velocidade. Guedes tinha falado, ontem, que estava levando balaços de quem deveria fazer sua escola, por isso deixou de ir à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). Esse assunto também parece resolvido. O guarda-costas será Maia, que tuitou que vai acompanhar o ministro em audiência na semana que vem.

Contribuindo para a melhora de clima, Maia também se acertou com o ministro da Justiça, Sérgio Moro, depois de desentendimento sobre o andamento de seu projeto



contra corrupção.

O saldo inicial é positivo, Bolsonaro distensiona sua relação com o Congresso e abraça duas frentes caras à sua plataforma: a reforma da Previdência e o combate ao crime e corrupção. Por ora, estamos na fase dos gestos, que importam muito, fica a dúvida se as tempestades não voltam quando chegar a hora de negociar de fato.



O inimigo agora é outro

Presidente e Rodrigo Maia parem ter selado um armistício

Depois de uma semana de **brincadeiras**, tempestade e **céu lindo**, a conturbada relação entre o presidente **Jair Bolsonaro** e o presidente da Câmara, **Rodrigo Maia**, saiu do foco do noticiário. Apenas um ou outra nota atribuída ao "senhor fontes", dizendo que Maia não vai reagir se o presidente atacar e que o pacificador, **Paulo Guedes**, não vai assumir a relação com o Congresso, papel esse que é de Onyx Lorenzoni, mas sim ajudar no diálogo.

Em seu "Twitter", o presidente seguiu como trabalho de manter sua base engajada. Comentou as explicações dadas ao Congresso sobre o uso comercial do Central Espacial de Alcântara e verbalizou a indignação popular de se ver R\$ 290 mil gastos em um jantar pela Embratur.

No fim de semana, Bolsonaro embarca para mais um compromisso internacional, Jerusalém, onde deve resolver o impasse de levar ou não a embaixada brasileira para o local.



Sabedoria para bem decidir

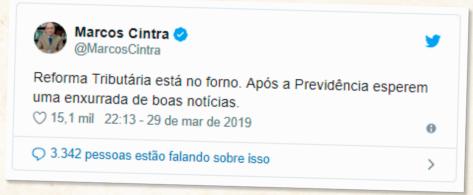
Presidente tem que "bem decidir" como fazer a "nova política" e rápido

O presidente **Jair Bolsonaro** segue em **viagem a Israel** e postou que assim como Salomão, pediu a Deus sabedoria, mas também coragem para "bem decidir em nome de vocês". Bolsonaro volta na quarta-feira e já teve a sabedoria de dar fim à troca de caneladas com o Legislativo. Falta agora "bem decidir" como vai fazer a "nova política" com o Congresso para levar adiante sua **reforma da Previdência** e o restante de sua agenda.

A sensação é de paralisia e vemos boa parte do mercado e do empresariado se dando conta de que 2019 pode ser mais um ano "desperdiçado" em termos de crescimento econômico. Projeções para o Produto Interno Bruto (PIB) que estavam na casa de 2,5% já recuaram para baixo de 2% e devem seguir recuando, enquanto um contingente de desempregados evidencia nossa miséria.

Também no "Twitter", Bolsonaro e o secretário especial da Receita, Marcos Cintra, falaram de outro tema caro, a reforma tributária, mas ela também depende de a Previdência deixar de ser um debate parlamentar.

Foi reavivada a discussão do plano de governo de reduzir imposto das empresas e taxar lucros e dividendos. A mudança não é trivial e deve acontecer em etapas. Cintra também fala em reduzir os tributos sobre a folha de pagamento, mas isso



teria de andar junto com o estimado modelo de capitalização para as novas gerações.

Por ora, o governo caminha para completar 100 dias sem nenhum projeto de sua autoria aprovado pelo Congresso.



(Dia 92) 2 abr Polêmicas na Terra Santa

Afirmação que mais repercutiu foi sobre o nazismo ser de esquerda

O presidente Jair Bolsonaro segue em Israel de onde falou sobre um pouco de tudo, como tributação de empresas, impeachment de Dilma Rousseff, críticas ao IBGE pela conta de desemprego e complementariedade entre tecnologia israelense e commodities brasileira. Mas o que fez barulho mesmo foi a renovada avaliação do nazismo ser de esquerda. Assunto bom para acalorados debates ideológicos e nenhum resultado prático.

Mão na massa e foco no que importa, mesmo, só com o ministro da Economia, Paulo Guedes, que passou o dia recebendo deputados dentro da nova estratégia de maior atuação sua na articulação política em torno da reforma da Previdência.

Bolsonaro se comprometeu a ajudar assim que voltar ao país, nesta quarta-feira, reservando ao menos metade de sua agenda para receber os congressistas. Tomara isso ocupe o presidente com o que realmente importa.



Presidente promete maior atuação na reforma da Previdência

O presidente **Jair Bolsonaro** passou o dia em trânsito, retornando de Israel, mas antes de sua partida disse que a ideia é "jogar pesado" na reforma da Previdência e lembrou que na quinta-feira, já recebe parlamentares.

Jogo pesado, mesmo, enfrenta Paulo Guedes, que está na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados. Organizada, a oposição chegou cedo na comissão e sentou nas fileiras da frente e, também, já tinha feito as primeiras inscrições para perguntas. Guedes teve uma outra discussão, mas nada fora do normal.



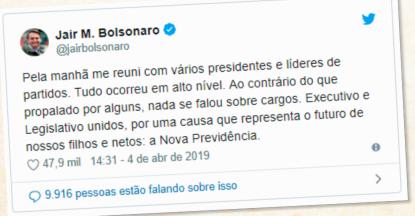
(Dia 94) 4 abr Nada se falou sobre cargos

Bolsonaro recebe líderes partidário e enfatiza alto nível da conversa enquanto Guedes consegue fato inédito

Cumprindo com o prometido ao deixar Israel, o presidente Jair Bolsonaro, deu início ao que deve ser uma rodada de conversas com líderes partidários para afinar a sua relação com o Congresso e conseguir apoio à sua agenda de reformas.

O gesto é importante, mas a ida do presidente ao "Twittet" para explicar algo que deveria ser corriqueiro é sintoma de que Bolsonaro segue na batalha e na angústia de como fazer a tal nova política sem parecer que se vendeu à velha política de troca de cargos e verbas.

Vale registo, também, de um fato que tenho por inédito. As redes sociais não só defendendo um ministro da Fazenda, agora Economia, mas também uma pauta notadamente impopular, a reforma da Previdência. O autor da proeza é Paulo Guedes que não recuou e não se rendeu diante dos ataques na Comissão de Constituição e Justiça



(CCJ) da Câmara dos Deputados, onde a oposição fez o que sabe fazer de melhor, barulho.



Não nasci para ser presidente

Presidente faz um desabafo, pede desculpas pelas caneladas, mas acerta as pernas de Paulo Guedes

O presidente Jair Bolsonaro teve um novo encontro com jornalistas no Palácio do Planalto e a pauta foi variada. Falou que pode demitir o ministro da Educação, Ricardo Vélez, que não estaria dando certo. Enquanto não decide o que fazer com Vélez, o presidente decidiu "demitir" o horário de verão. Bolsonaro conversou, também, sobre sua relação com Câmara e Senado e afirmou que vai buscar apoio por projetos, sem o famigerado "toma lá, dá cá" e que não tem intenção de "forçar a barra" no Congresso. Falta esclarecer um pouco melhor como se dará essa negociação "por projeto".

Em tom de desabafo, segundo nos relataram os amigos do "Estadão", Bolsonaro pediu desculpas pelas caneladas em evento no Palácio. "Desculpem as caneladas. Não nasci para ser presidente, nasci para ser militar", afirmou. Por melhor que fosse a intenção e o contexto da fala, a frase já virou "meme" para a oposição. Falar o que se pensa é sempre um perigo, na presidência então...

Mas mesmo que sem querer, o presidente deu o que podemos chamar de "canelada interna" no seu ministro Paulo Guedes, ao falar que os parlamentares vão tirar a proposta de capitalização da reforma da Previdência e que gostaria de um projeto "menos complicado".

Enquanto Bolsonaro falava isso, Guedes estava em Campos do Jordão, no seu esforço de defender a proposta. Sem falar que na quarta-feira, o ministro foi agredido pela oposição, justamente ao defender a capitalização na reforma da Previdência. É essa transição do modelo atual, de repartição, para capitalização, que embasa boa parte dos planos do ministro. Talvez dessa canelada ele tenha de se desculpar.

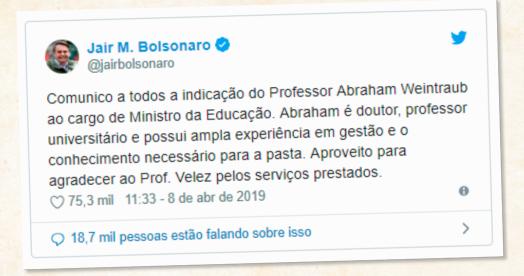


(Dia 98) 8 abr Agradeço pelos serviços prestados

Presidente troca ministro da Educação e fala em dialogar com o Congresso pela aprovação da reforma da Previdência

Depois de Gustavo Bebianno, o segundo ministro de Jair Bolsonaro a receber os agradecimentos pelos serviços prestados foi Ricardo Vélez Rodrigues, que deixa o Ministério da Educação depois uma série de declarações polêmicas e por "não estar dando certo". Para o seu lugar vem o então número dois da Casa Civil, Abraham Weintraub. Que o novo ministro pacifique desentendimento que haviam dentro da pasta entre militares e apoiadores de Olavo de Carvalho.

Em entrevista à "Jovem Pan", Bolsonaro disse acreditar que a reforma da Previdência será aprovada em pouco tempo e passou a bola, novamente, para o Legislativo que tem de avaliar o projeto. O presidente também se mostrou aberto ao diálogo para buscar soluções para as demandas dos parlamentares.



Enquanto sua entrevista era exibida, o ministro da Economia, Paulo Guedes, e o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, mostravam um discurso afinado em defesa das reformas, mas pontuaram suas limitações no quesito articulação política.

Maia disse que perdeu a condição de ser articulador depois dos desentendimentos com Bolsonaro, que acha legítima a forma de atuação do presidente, mas que não é mulher de malando para ficar apanhando e achando que está bom.

Guedes disse não ter a pretensão de ser coordenador político, brincou com sua ida à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) dizendo: "vocês viram o desempenho que tive por lá" e disse que a coordenação está em excelentes mãos, com Rogério Marinho (secretário especial de Previdência). "Sou animal de combate, não sou animal para fazer essa coordenação".



(Dia 99) 9 abr Encruzilhada pela frente

Bolsonaro defende Previdência em evento com prefeitos e chama Rodrigo Maia de irmão

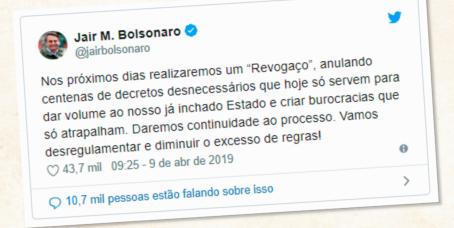
Faltando um dia para completar os 100 primeiros dias no mandato, o presidente Jair Bolsonaro voltou a receber líderes partidários e defendeu a reforma da Previdência em evento com prefeitos onde se encontrou com o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, a quem chamou de "prezado irmão".

Esse foi o primeiro evento público que Bolsonaro e Maia estiveram juntos depois da troca de caneladas das últimas semanas. Maia segue como defensor da reforma e do R\$ 1 trilhão em economia, mas disse que perdeu a condição de ser o articulador político.

Como bem disse Bolsonaro aos prefeito, a reforma da Previdência é uma encruzilhada. Não só para o país, mas também para seu governo, já que tudo mais parece condicionado à aprovação dessa reforma.

Também presente na marcha dos prefeitos, Paulo Guedes foi aplaudido e ovacionado pelos presentes. O ministro diz abertamente que prefeitos e governadores, da base e da oposição, apoiam a reforma e as demais medidas propostas, como a revisão do chamado pacto federativo, que deve liberar mais recursos para os entes federados.

Pelo "Twitter", Bolsonaro também anunciou medidas que devem compor a comemoração de seus 100 dias em evento a ser realizado quinta--feira, no Palácio do Planalto, como um "revogaço" de decretos e o 13º salário para os beneficiários do bolsa família.





(Dia 100) 10 abr Política interna e externa

Presidente comemora amanhã seus 100 dias e, enquanto isso, afaga deputados e se entende com países árabes

A comemoração dos 100 primeiros dias de governo será realizada amanhã, dia 11, em evento no Palácio do Planalto. Além de um balanço das ações prioritárias, Jair Bolsonaro deve formalizar o seu "revogaço" de decretos e outras medidas obsoletas e entregar o 13º salário aos beneficiários do programa Bolsa Família. O evento não deve contar com as presenças de Paulo Guedes (Economia) e Roberto Campos Neto (BC), que estarão em eventos nos EUA.

Enquanto não faz o seu balanço oficial, o presidente segue cumprindo outra promessa, essa não feita em campanha, de estreitar o relacionamento com deputados e lideranças políticas.

Passa o dia em reuniões com parlamentares do PSL, Podemos, Novo, Avante e PSC. Sem negociação não existe política, seja ela nova ou velha.

De noite, o foco muda para a política externa. Bolsonaro deve comparecer a um jantar organizado pela ministra da Agricultura, Tereza Cristina, com embaixadores de países árabes. O encontro foi costurado para acertar arrestas depois da viagem do presidente a Israel e reforçar a mensagem de que o Brasil quer negociar com todos os países do mundo. A bancada ruralista, que já declarou apoio às reformas, e as exportadores de proteína animal agradecem.

Os 100 dias de Bolsonaro Foi bom para você?

Desempenho não foi frustrante e mostrou para o governo e para a população que a lógica da política é incontornável

Encerramos nesta quarta-feira o tradicional período de 100 primeiros dias de governo Jair Bolsonaro. O que se busca é uma resposta objetiva: foi bom, ruim um desastre? Sinto frustrar o amigo leitor, mas questões complexas não têm resposta binária.

Medidas objetivas, que batem metas anunciadas com realização, mostram que o governo ficou devendo, pois nem metade das propostas anunciadas foi entregue, outras estão em andamento e algumas seguem sem prazo, como a pretendida autonomia formal do Banco Central (BC).

No entanto, estamos tratando do império da política em um governo que representa uma ruptura com o modelo político vigente até então de presidencialismo de coalização, que foi deformado para "presidencialismo de cooptação".

Muito tempo e energia foram gastos tentando construir um novo equilíbrio entre o que seria a nova e a velha política. Ainda estamos nesse processo, mas em um estágio mais avançado, parece.

Não por acaso, o período foi marcado por instabilidade no preço dos ativos, alternando períodos de euforia com episódios de depressão profunda, que se traduziram em quedas diárias de mais de 3% do Ibovespa e saltos de 2,6% na cotação do dólar. Reflexo também, sejamos justos, de altos e baixos para os demais emergentes.

O custo dessa busca por rumo, por uma nova forma de ação, ou choque de acomodação também se refletiu nos índices de aprovação do presidente. O **Ibope**, por exemplo, mostrou queda de 49% em janeiro para 34% de avaliações "boa ou ótima" para Bolsonaro.

No mercado, movimento semelhante, ou melhor, mais acentuado. A XP Investimentos captou entre investidores uma queda de "ótimo ou bom" de 86% em janeiro para apenas 28% agora em abril.

Ainda há tempo de fazer uma reversão nessa tendência. Basta começar a entregar, focar nos assuntos que importam, como as reformas, e usar as redes sociais para manter uma base de apoio mobilizada, sem agredir aliados.

Na esfera econômica, o ponto importante é que as linhas liberais ditadas por Paulo Guedes, com seu famoso bordão "mais Brasil e menos Brasília", foram firmadas. Há um progressivo afastamento da linha nacional-desenvolvimentista e a busca por maior inserção do país na economia mundial.

Toda a vez que o Brasil conseguiu se voltar para o mundo e olhar menos para dentro, reduzindo a influência tirânica do status quo imposta pelas corporações públicas e privadas, experimentamos períodos de prosperidade econômica e social. Esse desenho está dado.

Não foi frustrante

Para ajudar a compor esse balanço, conversei com o mestre em economia pela UnB e doutor em direito pela UFMG, Bruno Carazza, que também fez uma série de balanços de 100 dias em seu perfil no "Twitter" (@BrunoCarazza).

Para Carazza, Bolsonaro chegou ao Planalto sabendo bem o que ele não queria. Não fazer o clássico "toma lá, dá cá" e não negociar de "porteira fechada" com os partidos (entregar Ministérios e estatais para partidos que tomariam conta das estruturas).

No entanto, pondera o especialista, o Bolsonaro não sabia o que colocar no lugar. Na verdade, o presidente ainda não conseguiu desenhar esse novo modelo de relação com o Congresso.

Segundo Carazza, já caiu a ficha do que não vai funcionar, como negociação com bancadas ou usar as redes sociais para fazer pressão popular.

A grande incógnita é essa e, por ora, sem solução para esse impasse, o que estamos vendo, segundo Carazza, é essa perda de energia e desgastes com grandes crises.

Ele divide a agenda desse começo de governo em duas. Uma legislativa, que está parada em função desse impasse, por isso nenhuma medida provisória ou projeto de lei foi aprovado.

Mas há uma agenda executiva que tem andado, tivemos decretos sobre posse de armas, mudanças em concursos públicos, nomeações para cargos públicos, corte de cargos e comissões e liberação de venda de ações da Petrobras que estão com outras estatais em mercado.

"Tem uma agenda andando e imagino que na falta de avanço mais concreto na pauta legislativa o governo deve focar nesses temas", disse.

Ainda nessa linha, Bolsonaro anunciou, na terça-feira, que fará um primeiro "revogaço", anulando centenas de decretos desnecessários "que hoje só servem para dar volume ao nosso já inchado Estado e criar burocracias que só atrapalham". Também está para sair o 13º para os beneficiário do Bolsa Família.

Para Carazza, o resultado desses 100 dias não é frustrante, pois temos um governo novo que representa uma ruptura, com uma equipe nova e um partido sem tradição no poder.

"Já esperava que esse início de governo ia demorar mais para engrenar porque ele não chegou pronto", disse, lembrando que também aconteceu uma reforma administrativa muito ambiciosa envolvendo a criação, fusão e extinção de Ministérios e outras estruturas. Mudança, aliás, feita por MP que ainda não começou a tramitar no Congresso.

Outro ponto citado pelo especialista, é que Bolsonaro e equipe não chegaram com um programa bem definido e detalhado, herança de seu programa eleitoral. "Se tivesse feito o dever de casa começaria o governo com tudo pronto."

Segundo Carazza, o governo pagou o preço ao tentar montar a nova equipe e estruturas e perdeu a lua de mel com o Congresso e com a popularidade. Assim, termina o período com poucas conquistas significativas. "Preço pago, agora vamos ver como o governo vai".

A política como ela é

O coordenador do curso de Relações Internacionais do IBMEC e professor de Ciência Política, Adriano Gianturco, avalia que esses 100 dias e seus resultados positivos e negativos contam bem a história de um mito que existe aqui no Brasil, de que seria possível fazer política sem negociação.

"Negociação é troca de favores no mundo todo. Não há alternativa a isso. A população tem esperança de que a política será diferente. Não tem como acontecer", explica Gianturco.

Esse quadro está escancarado pelas idas e vindas da reforma da Previdência. O Congresso escolheu continuar pedindo cargos e recursos para atender suas bases nessa votação, enterrando a possibilidade de uma trégua.

Depois de crises e "caneladas" parece que Bolsonaro entendeu o recado e está recebendo líderes partidários e tentando construir apoio para suas medidas.

Gianturco nos explica que o famigerado "toma lá, dá cá" não é algo que existe só no Brasil. Essa prática é mundial, a questão é se acontece em maior ou menor grau. "Não tem como ser mudado, é impossível."

Quando se questiona a lógica da economia, que é o lucro, o professor lembra que as pessoas são tratadas como infantis ou ingênuas. Mas quando se questiona a lógica da política, que é o poder, isso não acontece, apesar de serem a mesma coisa, lógicas irrefutáveis.

Segundo Gianturco, temos que trabalhar com a realidade. O governo pode tentar seguir adiante sem negociação, é algo legítimo. Mas a realidade se impõe. Você pode pular os partidos, pode falar com bancadas e grupos de interesse. Mas terá de negociar, mesmo que individualmente.

"É um negócio sujo sim, mas é a política", explica.

Do ponto de vista moral, diz Gianturco, o Congresso poderia, ao menos na votação da Previdência, não pedir nada em troca, "pensar no país", mas isso seria demandar demais da política.

"Como professor sempre chamo atenção para o fato de que há um mau entendimento da população. Tem muito idealismo. A política é abordada como deveria ser e não como é de fato", afirma.

Segundo Gianturco, a troca de favores é um meio e isso pode ser usado para o bem ou para o mal, mas até mesmo para se fazer o bem é preciso negociar e articular.

Estamos pagando a conta dessa falta de articulação, pois a conta da não realização da reforma é elevada e aumenta a cada dia que passa.

Segundo Gianturco, até mesmo os chamados "bolsominions" estão caindo na real de que a política é isso. O governo pode ser bem-intencionado e terá de negociar, não é uma mera questão de vontade política.

"Toda a vontade do mundo não pode mudar a lógica da política", explica.

Gianturco acredita que esse episódio pode ter efeito pedagógico, mostrando para a população a política como ela é.

Curva de aprendizado

Outra questão destacada por Gianturco é que quando o governo chega como um "outsider" da política, não Bolsonaro propriamente, mas grande parte de sua equipe, há um trade-off entre essa renovação e o conhecimento da máquina.

"São pessoas mais 'limpas', mas que conhecem menos o sistema. Eles não têm a ginga, a articulação, não sabem como se mover, falar e se comportar. Não conhecem o processo burocrático, os tecnicismos. Então, tem um período de aprendizado, uma curva só para entender a máquina", diz.

Quem está fora da "máquina" não entende isso e fica bravo, ainda mais quem é egresso do setor privado onde se mudam as coisas que não dão certo em curto espaço de tempo, ainda mais quando há desperdício de dinheiro.

Já o Estado, lembra o professor, não precisa ser tão rápido, pois pode postergar a necessidade de corte de gastos já que tem sempre o contribuinte para recorrer.

Para Gianturco, quem está na máquina usa esse argumento fácil para diminuir os novos entrantes, falando que eles não conhecem Brasília ou como as coisas funcionam por aqui.

Mas um integrante tem aprendido rápido. **Paulo Guedes**, que está ajudando nas negociações apesar de dizer que é um animal de combate na economia. Sinal claro disso foi sua atuação na **CCJ**.

Para Gianturco, Guedes conseguiu criar o consenso de que o tiro da oposição em desestabilizar o ministro, saiu pela culatra.

Para encerrar, o professor lembra de uma frase do filósofo Karl Popper, de que não precisamos de homens fortes, mas sim de muros e paredes que nos protejam de homens fortes. Precisamos de instituições fortes, para que o sistema dependa o mínimo possível das pessoas.

Que venham os próximos dias.

Créditos

Esse conteúdo foi produzido pela equipe do **Seu Dinheiro**.

Saiba mais sobre o projeto aqui.

Reportagem

Eduardo Campos

Design

Andrei Morais

Edição

Marina Gazzoni

Siga o **Seu Dinheiro** nas Redes Sociais

